

Organização

Chie Hirose & Jean Lauand

Alexandre Medeiros
Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand
Nadia Wacila Hanania Vianna

Estudos Keirseyanos no Cemoroc – vol. 3

Cemoroc – ColégioLuterano São Paulo –

Centro de Estudos Júlio Verne

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e
celebrando os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Hirose, Chie; Lauand, Jean (Org.)
Estudos Keirseyanos no Cemoroc – volume 3; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-35494-2

1. Psicologia 2. Religião 3. Educação I. Título CDD- 100 Psicologia e
Filosofia

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

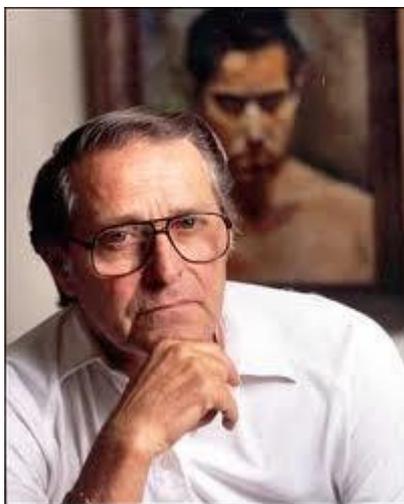
Apresentação	05
Cigarra x Formiga: tipos ESFP e ISTJ keirseyanos nas protagonistas do filme “Sol” de Jézabel Marques <i>Chie Hirose, Jean Lauand</i>	07
David Keirsey – uma análise dos Tipos ESFP e ISFP, a partir de personagens ficcionais de filmes e séries televisivas <i>Alexandre Medeiros.....</i>	23
A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ <i>Enio Starosky</i>	37
A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP <i>Enio Starosky</i>	43
Decisão participativa na escola: estudo fundamentado em perfis de Keirsey <i>Nadia Wacila Hanania Vianna</i>	49
Tipos de Keirsey - identificando algumas características IV <i>Jean Lauand</i>	59
A teoria dos temperamentos de David Keirsey e a Ética <i>João Sérgio Lauand</i>	69

Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos este volume III de “Estudos Keirseyanos no Cemoroc”, com estudos de nossos pesquisadores sobre um dos principais campos de pesquisa do Centro: a teoria dos temperamentos e tipos psicológicos de David Keirsey (ao todo, em nossas revistas, são já perto de 50 artigos sobre o tema).

A teoria keirseyana é uma constante no Cemoroc, a ela dedicamos alguns de nossos Seminários Internacionais e notadamente o de 2021: “XXII Seminário Internacional Filosofia e Educação – Keirsey, Identidade e Escola”. Das discussões desse evento, decorrem os capítulos inéditos deste volume, que recolhe também outros estudos do acervo do Cemoroc. Esses artigos já publicados foram mantidos em sua forma original, simplesmente atualizando o mini-currículo dos autores.

A celebração dos 25 anos das publicações do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com a proximidade de aniversários redondos de duas instituições de ensino, também elas fortemente marcadas pelos estudos keirseyanos: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021).



https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirsey

Ocorre que os diretores desses destacados colégios são dois de nossos mais fecundos pesquisadores: Enio Starosky, do Luterano, defendeu em 2020, seu brilhante doutorado na Umesp: “David Keirsey e a religião: a tipologia na compreensão de perfis religiosos”, já publicado como livro, e Alexandre Medeiros, do Júlio Verne, está realizando um notável pós-doutorado na Feusp sobre Keirsey.

Nossos outros autores são Chie Hirose, que concluiu seu pós-doutorado na Feusp em 2019, sobre os fatores T e J de Keirsey; João Sérgio Lauand – que fez na Feusp um pioneiro doutorado em 2011: “Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação – um estudo da sitcom ‘Everybody Loves Raymond’”; e Nadia Wacila Hanania Vianna, que também fez seu pós-doutorado em Keirsey na Feusp.

O livro se abre com a análise das protagonistas do filme “Sol” (dirigido por Jézabel Marques), procurando dar uma compreensão concreta, encarnada de dois topos de Keirsey. A seguir, no mesmo padrão de pesquisa, Alexandre Medeiros contempla os professores SP, personagens das famosas séries homônimas: “Merlí” e “Rita”.

Enio Starosky nos oferece uma leitura keirseiana dos temperamentos dos evangelistas Mateus e Marcos, respectivamente SJ e SP.

Nadia Vianna discute, a partir do espectro de Keirsey, o importante tema da “Decisão participativa na escola”.

Segue-se um artigo no qual procuro apresentar, de modo concreto, como é o temperamento NT.

Finaliza o livro a elucidativa análise de João Sérgio Lauand sobre temperamento e ética.

O leitor dispõe assim – também neste volume III – de uma ampla e variada perspectiva da teoria de David Keirsey e sua aplicabilidade em diversas instâncias.

Jean Lauand
(p./ orgs.)

Cigarra x Formiga: tipos ESFP e ISTJ keirseyanos nas protagonistas do filme “Sol” de Jézabel Marques¹

Chie Hirose²
Jean Lauand³

Resumo: Este estudo analisa, a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey, o contraste entre as protagonistas do filme “Sol” (direção: Jézabel Marques), tipos ESFP e ISTJ. O confronto entre tipos SP e SJ, frequente nos roteiros de cinema, tem especial potencial narrativo quando se trata de ESFP x ISTJ.

Palavras Chave: David Keirsey. Tipos. ESFP x ISTJ. Filme “Sol” de Jézabel Marques.

Abstract: This study analyzes, from the psychological types of David Keirsey, the contrast between the main characters of the film “Sol” (Jézabel Marques). The shock between SP and SJ types, usual in movie scripts, is especially interesting in the case of ESFP x ISTJ.

Keywords: David Keirsey. types. ESFP x ISTJ. “Sol” (movie directed by Jézabel Marques).

A psicologia e os roteiristas: a teoria de Keirsey e a construção de personagens

A teoria do psicólogo americano David Keirsey (abreviaremos por DK) é uma poderosa ferramenta também para uma leitura da consistência da construção de personagens em filmes e séries. E, visto do outro lado, pode ajudar também o roteirista a criar personagens e enredos plausíveis e vigorosos.

O personagem tem de mostrar-se coerente – consigo mesmo e em relação aos demais – mais ainda, no caso de dezenas de episódios de várias temporadas de uma série. O *character* se *caracterizará* por *características*, da personalidade do personagem.

É o que acontece, exemplarmente, com as duas protagonistas (na verdade, antagonistas) do filme francês (de 2020) que contemplaremos neste estudo: “Sol”, dirigido por Jézabel Marques.



¹. Este estudo tem suas raízes em debate dos autores em Mesa Redonda: “‘Átomos’ de Keirsey: E/I; S/N; F/T; J/P” no “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação - Keirsey, Identidade e Escola”, setembro – 2021.

². Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós Doutorados nessa mesma Faculdade. Mestre em Antropologia pela Universidade de Hiroshima. Professora alfabetizadora da Prefeitura de São Paulo.

³. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

A presente análise keirseyaniana dessas nossas duas personagens (o confronto entre a sogra ESFP e a nora ISTJ, na terminologia de DK) é uma a mais nas diversas pesquisas nesse mesmo sentido que temos desenvolvido no Cemoroc: desde o pioneiro doutorado de João Sérgio Lauand (2014, em livro) na Feusp, que percorreu os 210 episódios das 9 temporadas da emblemática *sitcom Everybody Loves Raymond*, mostrando Raymond Barone como um típico ESFP (em termos kerseyianos); seus pais, Marie e Frank (ESFJ e ISTP respectivamente); sua esposa Debra, uma cabal ESTJ; etc.



O menino Jo. Sol, a ESFJ x Eva, a ISTJ



"Everybody loves Raymond"

Não é o caso aqui de expor a teoria de DK (vide Keirse, 1984; 1998) ou um resumo de sua doutrina e terminologia (vide Lauand 2019). Recordemos, porém, que sua grande contribuição foi a de agrupar 16 modos de ser “típicos” (indicados em 4 letras abreviadoras, em cada caso) em torno a 4 temperamentos, em sua terminologia: SP, SJ, NF e NT.

Quanto aos temperamentos das protagonistas de “Sol”, recordamos que os **SP** (o caso da própria Sol), tipicamente falando, são movidos a ação e impulso (para eles é dirigido o slogan da Nike “*Just do it!*”), são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora” (“*carpe diem*” ou a canção “*Paradise is here*” de Tina Turner, com seu refrão “*Right now!*”). Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos. Já os **SJ** (o caso da personagem Eva), tipicamente falando, são movidos a dever, regras e responsabilidade. Confiam na experiência, o que lhes pode dar também uma tendência ao pessimismo. Prezam as tradições, as instituições e seus valores, que querem transmitir às novas gerações. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiões de regras.

São muito oportunas as observações de Keirse (1984, pp. 40-41):

Notice that the SP is compelled to be free and independent, while the SJ is, in effect, compelled to be bound and obligated. These might usefully be viewed as reciprocal needs. Indeed, it may well be that the character of the SJ can better be illuminated if seen in reciprocity with the SP character. First, while the SJ lives a Stoical ethic, the SP lives an Epicurean ethic – a work ethic as against a play ethic. We must emphasize that these both are ethics. One is not bad and the other good; they are both differing views of the good.

A tipologia de DK nos filmes. Por exemplo, as quatro mulheres da série *Sex and the City* parecem ter sido esculpidas em padrões DK: Samantha é a típica SP; Charlotte, SJ; Miranda, NT; e Carrie, NF.



Outro exemplo, entre tantos. Em *O Poderoso Chefão*, o impulsivo Santino é SP de carteirinha; o frio Michael, NT; o responsável Tom Hagen, um nítido SJ e o *Padrino* é um NF.



Como os tipos ESFJ e ISTJ são os que vão interessar para nosso estudo do filme “Sol” e, mais concretamente os das personagens, recolheremos aqui resumidas descrições desses casos (*in* Lauand 2019, “Introdução Geral”), retiradas, na época, do site oficial de Keirsey:

ISTJ (*Inspector*)

≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

ESFP (*Performer*)

- $\geq 10\%$ da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um *break* nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (*kindness*). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

Baste este mínimo teórico para que se compreenda imediatamente que em muitos filmes e séries a tensão do enredo se dê na oposição entre personagens SJ e SP, tipos que, além do mais, são os da imensa maioria da população em geral. Quase caricaturizando, é SP, por exemplo, aquele policial impulsivo, que enfrenta a resistência da máquina burocrática controlada pelos SJ e – passando por cima das regras (típico do SP) – é destituído do caso e obrigado a entregar a arma e o distintivo... É a escola – tipicamente dominada por professores e diretores SJ – que se opõe ao professor SP e seus métodos inovadores. Ou, na família, o cônjuge SP, viciado em álcool ou jogo, que arruína a estabilidade do lar, que o cônjuge SJ tenta proteger. Etc.

No caso do filme “Sol”, a oposição não poderia ser mais aguda: ISTJ (Eva) x ESFP (Sol). Pois o ISTJ é o mais sério, responsável, zeloso cumpridor do dever, pouco flexível com as muitas regras que ele respeita, cultiva e impõe, etc.; enquanto o ESFP é, dentre todos, o tipo mais exuberante, divertido, espontâneo, lúdico e hedonista. A tensão é acentuada pela situação de *stress* vivida por nossa ISTJ: viúva, cuidando sozinha do filho de 7 anos, tendo que trabalhar excessivamente e vivendo com dificuldades financeiras.

O enredo do filme gira em torno de um ousado projeto de Solange Corthis, Sol (nitidamente ESFP), consagrada diva do tango argentino. Sol vai para Paris decidida a resolver a grande mágoa que carrega na vida: não conhecer o neto, Jo, de 7 anos. Ela e

o filho Raphaël tinham cortado as relações desde que ele – contra a vontade da mãe – decidira se casar com Eva. Raphaël morreu em um acidente de carro pouco antes do nascimento de Jo, que cresce ouvindo de Eva que ele não tem avó paterna, que ela já morreu...

Em Paris, todo o problema de Sol (que adotará o nome falso de Diana) é como se aproximar da nora Eva, para quem ela é um desafeto. Tal desafio ganha proporções explosivas quando nos lembramos que a antipatia tipológica (ESFP x ISTJ) é, em termos abstratos, a maior possível.

Já o nome da personagem, Sol, indica calor e luz (além da clave de Sol, que aparece já na abertura do filme); seu devotamento ao tango, paixão, hedonismo e sensualidade. Exatamente o oposto de Eva, uma fria ISTJ, presa a regras e ao “certinho” quadrado.

Antes de aprofundar em nossa análise das personagens, um par de observações muito importantes.

1. Tenha-se em conta que, como sempre nas tipologias, estamos falando de tipos “puros” e tendendo a ser um tanto exagerados e caricatos; o que, afinal, tem a vantagem de apresentar-nos os perfis kerseyianos em sua máxima nitidez, como em um laboratório.

2. Nunca é demais insistir em que os temperamentos são tipos puros (com todas as limitações da metodologia tipológica), neutros do ponto de vista ético, de talento etc.: pode-se ser brilhante ou medíocre, santo ou safado etc., sendo qualquer um deles: o paladino mundial da paz Sérgio Vieira de Mello era tanto ESTP quanto Donald Trump... E é muito importante lembrar que, em indivíduos do mesmo tipo, cabem imensas diferenças: se nossa personagem de ficção ISTJ, Eva, pode despertar antipatias; ISTJs do mundo real, como Angela Merkel e a rainha Elizabeth II, gozam de imensa aprovação e são amadas por multidões em todo o mundo.





Nosso filme começa com o clássico tango “Fumando espero”, trilha sonora para a exuberante personagem Sol:

Fumar es un placer, genial, sensual
Fumando espero al hombre a quien yo quiero
Tras los cristales de alegres ventanales
Y mientras fumo mi vida no consumo



Ao som de “Fumando espero”, a Sol requintada no cuidado com sua aparência, ao contrário de Eva, que não usa maquiagem, adornos ou jóias e só usa roupas discretas, principalmente de cores cinza e preta.

Porque flotando el humo me suelo adormecer
Tendida en la *chaise longue*, fumar y amar
Ver a mi amante, solícito y galante
Sentir sus labios besar con besos sabios
Y el devaneo sentir con más deseos
Cuando sus ojos veo sedientos de pasión
Por eso estando mi bien

Es mi fumar un Edén
Dame el humo de tu boca
Anda, que así me vuelves loca
Corre que quiero enloquecer de placer
Sintiendo ese calor del humo embriagador
Que acaba por prender
La llama ardiente del amor

Para conseguir seu objetivo de conhecer e conquistar o neto, Sol, como boa SP, será o tempo todo uma campeã de improvisações – sempre com um toque lúdico, também típico dos SP – deliciosas artimanhas e mentirinhas. E consegue ser a escolhida por Eva para alugar o quarto que ela está disponibilizando, ficando assim ao lado do neto e da nora.

A partir daí, multiplicar-se-ão as incidências (e rugas) do convívio entre as duas.

Sendo ESFP, Sol (Diana) é mão aberta com seu dinheiro, gasta generosamente, sem pensar em outra coisa que atingir seu objetivo. Logo no começo do filme, ele está em um táxi, de plantão em frente ao prédio de Eva e Jo, esperando a oportunidade de abordar a nora e, quando o taxista lhe avisa de que o taxímetro acaba de superar os 100 euros, ela desce e dá ao atônito motorista 200 euros, para que guarde o troco...



É exatamente o que Keirse (1998, p. 59) diz sobre os impulsos de generosidade dos SFP:

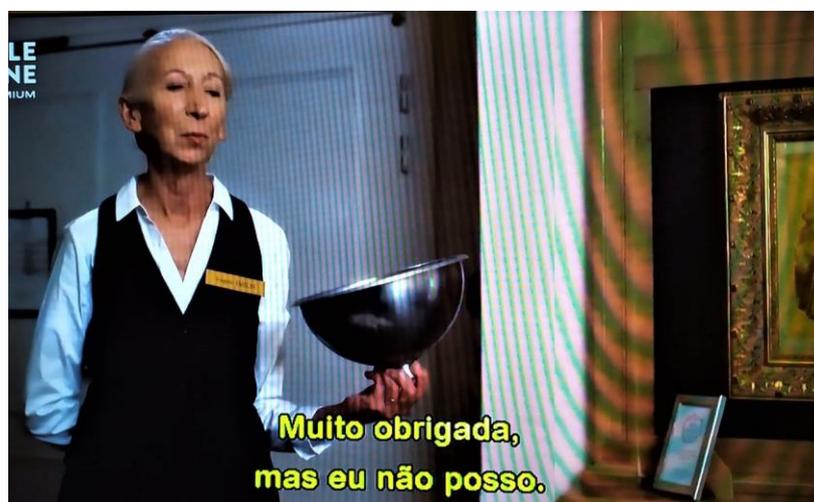
This impulsive generosity can be expensive at times, as seen in a story about one of Elvis Presley's whims.

Presley had parked his custom-made Cadillac near a car lot, and when he returned he found a total stranger with her head in his car, looking it over longingly. Elvis asked the woman if she liked it, and then offered, "This one is mine, but I'll buy you one." He caught the

stranger by the arm, took her to the nearby car lot, and told her to pick one out. After she had selected a gold and white model, Presley learned that it was the woman's birthday, so he handed her the keys to the car, wished her happy birthday, and told his aide to write her a check so that the woman could “buy some clothes to go with the car.” And Frank Sinatra, according to John Lahr's New Yorker profile, “has always been known among his friends for impulsive, awesome acts of generosity – those grand gestures that Sicilians call *la bella figura*.” For instance, one time when his friend actor George Raft was under indictment by the IRS, Sinatra sent him a blank check with a note saying, “To use if you need it.”

Essa generosidade dos SFP não depende de sua riqueza; mesmo SFP pobres gastam e ajudam os outros generosamente, sem pensar nas consequências...

Outro gesto emblemático de Sol, como ESFP, é conversar de igual para igual com a camareira (do luxuoso hotel em que se hospeda em Paris) que lhe levou o jantar e insistir com ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo, para que se sente e compartilhe seu champanhe.



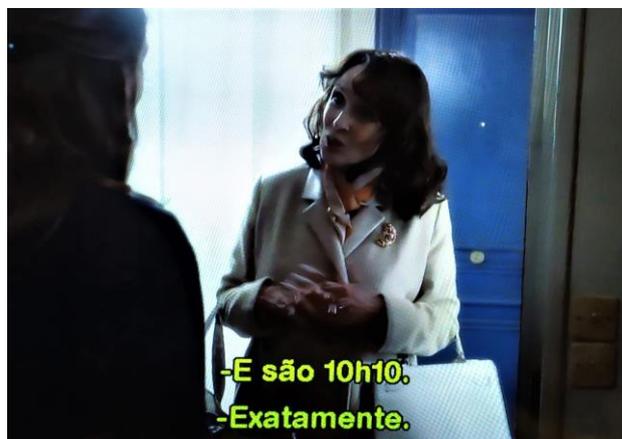
Enquanto o SJ vê a essência da sociedade na hierarquia, o SP a ignora em favor da liberdade e do trato fraterno. É o que explica Keirsey (1984, p. 41):

While the SP supports his fraternal and libertarian outlook with a belief in and desire for equality, the SJ supports his parental and responsibility purposes which a belief in and desire for hierarchy. For the SJ the hierarchical structure of society is the essence of society. There should be subordination and superordination. There should be rules which govern the interactions of members, certainly in the city, school, church, and corporation, but also in the family. And one's status in such social units must be earned-one must do one's part. The SP has no such outlook. One is equal to others in whatever social unit one belongs to, and status of any level is a matter of luck, not earnings. And rules? Why, those are merely disguised means of

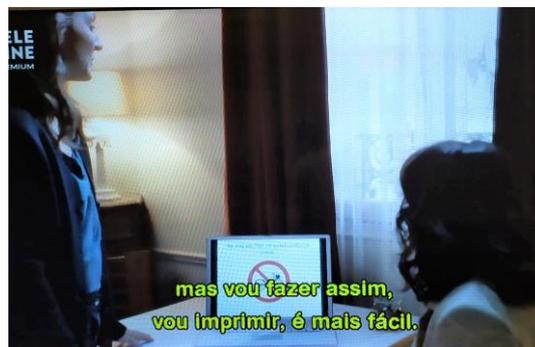
maintaining the status one acquired by accident, or so it would seem to the SP.

Uma divergência importante dá-se já no dia em que Eva agenda encontro com Diana (Sol) para mostrar-lhe o quarto. Eva tinha marcado às 10:00h, Diana chega às 10:10h. Eva insiste em queixar-se da falta de pontualidade; Diana simplesmente não entende: para ela não houve atraso.

Não nos esqueçamos que os horários foram implantados no Ocidente pelo grande São Bento de Núrsia (ISTJ ao extremo), justamente considerado um dos fundadores da Europa, por criar a Ordem Beneditina, ou seja, a Regra Beneditina, que rege os mosteiros. Para um beneditino, a pontualidade (sobretudo nas horas de oração) é sagrada. Já um acentuado SP, como São Francisco de Assis, fundador dos franciscanos, não queria nem saber de regras nem de horários ou pontualidades...



Regras, que Eva cuidadosamente redige para a inquilina: um power point detalhando os “não pode...” (entrar de sapato na casa, fazer barulho, jogar objetos na privada etc.). Evidentemente, Diana não está minimamente preocupada em cumprir esse regulamento...



Outro grande ISTJ, o papa Bento XVI (o nome Bento, não por acaso, foi o escolhido por ele). Nos tempos em que ainda era o Cardeal Ratzinger, já era conhecido

pela sua inflexibilidade e apelidado, pelas más línguas, de “Cardeal Panzer”, “Rotweiler de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a intransigência com a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Tal como frequentemente ocorre com os casais em relação à liberalidade para com os filhos (um cônjuge é o rigoroso; o outro, é o “bonzinho”, que permite tudo e atende aos caprichos da criança), Eva, naturalmente, tem para a educação de Jo, seus regulamentos e mil proibições e Diana encontra aí a brecha para ir rapidamente conquistando o pequeno. Quando Diana, graciosamente, dá um doce para Jo, a mãe o toma da mão dele, devolve para Diana, dizendo que ela proíbe açúcar, sobretudo depois das 17:00h. Diana responde ironicamente que ainda são 16:50h! Um antigo desejo do menino era o de fazer o cabelo igual ao dos jogadores de futebol. Um conflito com a nora surge quando a sogra, que vai cada vez mais acompanhando o menino (até pelo pouco tempo que o trabalho deixa para Eva), chega um dia com Jo, feliz da vida com seu novo corte. Eva, muito irritada, vai desfazer esse estrago...



As tensões explodem em um dia à mesa (Diana faz as refeições com Eva e Jo), quando o menino pede para ler a poesia da formiga e da cigarra. Claro que esse tema não foi escolhido pelo roteirista por acaso. O próprio Keirse (1984, pp. 41-42) diz:

Aesop's “The Ant and the Grasshopper” gives us a splendid analogy for viewing the reciprocal relationship of SJ to SP. In the fable, the Ant is industriously and dutifully transporting large crumbs of bread from site to storage while the Grasshopper reclines on a blade of grass near Ant's path, playing the fiddle, chewing tobacco, and singing “The World Owes Me a Living.” Ant, without losing stride in his burdensome work, scolds Grasshopper for not preparing for the upcoming winter months. “Join me,” urges Ant, “and we will together fill the storehouse, thus ensuring that none will suffer cold or hunger.” Grasshopper replies, “And, if you keep up this feverish pace, you won't make it to winter, succumbing to ulcer, high blood pressure, or colitis. Join me on my blade of grass, and we will enjoy together the warm summer, the food that abounds, and celebrate the world's debt to us in song.” Each, of course, ignores the other's request and goes his own merry or tedious way. When it turns out to be a long, cold, hungry winter, Grasshopper must knock at Ant's door and stand there

frostbitten and starving; Ant, snug in his storehouse of goodies, can only let Grasshopper in. And so it is with SJs and SPs – they marry each other with high frequency and play out this eternal drama.

O menino começa a ler a fábula:

Jo – ...a cigarra tendo cantado todo verão estava muito enfadada. O que quer dizer enfadada?

Eva – Quer dizer aborrecida.

Jo – Porque a cigarra estava aborrecida?

Eva – A cigarra está aborrecida porque ela só pensa em diversão. Aí desse jeito ela não cumprir suas responsabilidades.

Diana – Mas é muito importante se divertir também.

Eva – É mas aí, ela não respeita seus compromissos.

Jo – Por que ela não respeita os compromissos?

Diana – Porque formiga inventa regras demais, e a cigarra, bem, ela fica sem saber o que fazer.

Eva – Mas não é que a formiga adore as regras. A formiga também queria se divertir, queria não pensar em nada, só fazer o que desse na telha.

Diana – Pois é, mas costuma ser a formiga que prefere enfiar todo mundo dentro de uma caixinha. Ela até fala que a cigarra é muito egoísta.

Eva – É mais fácil para a cigarra. Porque a cigarra não liga para nada nem para ninguém. Ela debocha. Então, claro que a cigarra não tem problemas na vida, com certeza.

Diana – É melhor do que a formiga, que quer que todo mundo pense como uma formiga, no seu mundinho de Formiga com suas patinhas de Formiga e sapatinho de Formiga...

Jo – Mamãe! Diana!



Eva – Pelo menos, as patinhas da formiga são muito menos invasivas que o salto alto da cigarra.

Diana – Mas a cigarra não vai mais invadir nada, porque a formiga pediu para ela voltar para o quarto e ficar lá.

Eva – É, exatamente! A formiga vai se apressar para consertar a cozinha logo, para a cigarra parar de vir invadir a cozinha da formiga.

Jo – Não entendi nada!

“Sapatinhos de formiga” é uma alusão a um par de pantufas baratas com que Eva “presenteia” Diana (que sempre usa salto), para fazê-la cumprir o regulamento do power point: nada de sapatos em casa.



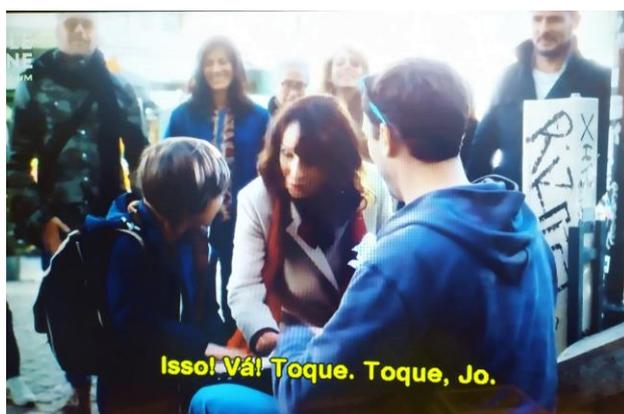
A vizinha é a velha rabugenta Madame Verdier, que vive reclamando do barulho de Jo, até que um dia, finalmente Diana explode e a enquadra com dureza e expondo-a ao ridículo (já que Eva, uma e outra vez, não faz senão se desculpar com a idosa...). E, ironicamente, a estimula a cumprir sua ameaça de ir denunciar à polícia que uma criança de 7 anos está brincando às 11:30h da manhã... Jo aprende com Diana a referir-se à vizinha como Mme. *Merdier* (além de um bom repertório de palavrões...).

No debate da cigarra, “consertar a cozinha” é uma referência a uma das tantas engenhosas artimanhas de Diana para dar vivacidade e alegria às vidas de Jo e Eva. Não se trata só de atingir esse objetivo, mas também de exercitar o lado lúdico com que os SP – e maximamente os ESFP – encaram a vida. Assim, Diana (que se encarrega de tarefas para ajudar Eva e “invadir” seu espaço, ficando próxima do neto) inventa de sabotar o fogão para poder trazer comida de restaurante (claro, dizendo a Eva que foi ela mesma que cozinhou), muito mais saborosa do que as insossas (mas saudáveis) refeições que Eva preparava. Quando o técnico, chamado por Eva, vem e diz que é simples consertar o fogão, Diana o suborna, generosamente, para que não o faça. Etc.

Diana, às escondidas, realiza um sonho de Jo: presenteia-o, secretamente, com um violão (Eva havia proibido ao menino instrumentos musicais, especialmente violão, no qual o falecido marido era um virtuose)



Diana faz também com que o menino se solte em ruidosas brincadeiras na rua e dentro de casa (na ausência de Eva, claro).



Um dia, Eva pede a Diana que faça compras de produtos de higiene no mercado e, para sua surpresa, esta incluiu no pacote um Livarot (queijo com AOC). Eva protesta e Diana alega que não entendeu a letra de Eva na lista e confundiu o sabão "*Lave vite*" com o queijo. Na criativa tradução brasileira, a confusão teria sido entre "queijo ementhal" e "creme dental".

Como típica ESFP, Sol (/Diana) adora fazer piadas e tiradas humorísticas (o ESFP é o tipo que “perde o amigo, mas não perde a piada”). No pequeno restaurante indiano que descobriu, Sol – sempre com a abordagem pessoal, comum a todos os F – pergunta o nome do dono, que vem para a atender.

Ele diz se chamar Pat Manman e ela imediatamente dá uma deliciosa risada e pede desculpas por não o ter reconhecido sem a capa, a máscara e o Batmóvel...



Claro que nem tudo são rígidos estereótipos e no decorrer do filme contemplamos uma evolução (e a grandeza) de Eva, mas isto já escapa ao propósito deste artigo: servir de uma amostra de laboratório de “tipos puros” de DK, como um convite a que o leitor aprofunde nessa compreensão assistindo ao tocante “Sol”.



Referências

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand Me: Character & Temperament Types*. Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character and Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998

LAUAND, Jean (org). *Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação*, São Paulo/SP: Kapenke/CEMOROC, 2019.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

David Keirsey – uma análise dos Tipos ESFP e ISFP, a partir de personagens ficcionais de filmes e séries televisivas

Alexandre Medeiros⁴

Resumo: Esta pesquisa é parte dos Estudos Pós – Doutorais em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP. O estudo tem por objetivo analisar o Professor Artesão (SP) e seus desafios no ambiente escolar: buscaremos um diálogo com a teoria dos temperamentos de David Keirsey e as mais diversas situações cotidianas de uma série Catalã e uma série Dinamarquesa, ambas produzidas pela Netflix.

Palavras Chave: David Keirsey. Teoria dos Temperamentos. Psicologia. Educação.

Abstract: This article is part of the author's Post – Doctoral researches in Education at the University of São Paulo – FEUSP. From a keirseyan point of view, it aims to analyze the Artisan Teacher (SP) and his challenges in the in the daily routine of school in a Catalan series and a Danish series, both produced by Netflix.

Keywords: David Keirsey. Theory of Temperaments. Psychology. Education.

Introdução

Para uma melhor compreensão deste estudo, aconselhamos uma prévia leitura de 2 artigos deste autor, que contém um breve resumo da Teoria dos Temperamentos e notas introdutórias aos 4 Tipos Psicológicos descritos por David Keirsey⁵.

Metodologicamente, a pesquisa parte de uma instalação na teoria de David Keirsey e seus tipos a partir das obras fundantes *Please Understand Me* (1984) e *Please Understand Me II* (1998). Nosso referencial teórico será o caminho trilhado por João Sérgio Lauand, em sua obra: *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a educação. Um estudo da sitcom Everybody loves Raymond* (2014)

O objetivo deste ensaio é propor um diálogo entre os conceitos elaborados por David Keirsey, com filmes e séries televisivas (LAUAND J. S., 2014). O intuito é mostrar concretamente o Professor Artesão (SP) nas mais diversas situações da vida cotidiana e do ambiente escolar. Utilizaremos neste diálogo, os professores de mesmo nome da série catalã *Merlú*⁶ e da série dinamarquesa *Rita*⁷.

Por fim, além de mostrar as principais características do professor Artesão (SP), temos o desejo de promover a aceitação e a valorização dos mais diferentes Tipos Psicológicos, seja de qual for seu Temperamento (Artesão – SP; Guardiã – SJ; Idealista – NF ou Racional – NT). A ideia é ressaltar que as pessoas não são iguais e que é bom que seja assim, e que tentar mudá-las é uma tarefa árdua e mesmo impossível. É como tentar transformar uma raposa em uma coruja, ou seja, nunca vai acontecer (KEIRSEY, 1998. P. 2).

Sigmund Freud acreditava que todos tinham um mesmo motivo, uma mesma busca interior, ou seja, para Freud, todos de formas diferentes, buscavam o *Eros*

⁴ Pós – Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁵ Artigo 1 - <http://www.hottopos.com/rih56/Alexandre.pdf> e Artigo 2 - <http://www.hottopos.com/convenit35/AlexJeanDK.pdf>

⁶ Série disponível no youtube. Página - Series y Películas: https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg

⁷ Série disponível em www.netflix.com

interior. Todos com uma mesma motivação, numa busca singular. Esta ideia foi seguida e inspirou a sociedade ocidental, inclusive, esta foi a motivação ao democratizar o jeito ocidental de ver e ser no mundo. Afinal, se somos iguais, devemos viver, trabalhar, vestir, comer, ver o mundo, todos da mesma forma (KEIRSEY, 1984, p. 2-3).

Em 1920 o suíço Carl Jung partindo de Hipócrates, discordou de Freud e apresentou para o mundo as funções psíquicas em seu clássico: *Tipos Psicológicos*⁸ (KEIRSEY, 1984, p. 3). Jung analisou os pares⁹ E/I, F/T e S/N (KEIRSEY, 1998. P. 2). Infelizmente em 1930 a psicologia já havia esquecido a teoria dos temperamentos de Jung, que fora praticamente abandonada (KEIRSEY, 1984, p. 3).

Mas algo surpreendente aconteceu. Na década de 1950, Isabel Myers foi tirar o pó de um livro de sua mãe Katheryn Briggs, e redescobriu os *Tipos Psicológicos* de Jung. Depois deste acaso, nasce através de Mayers (M) e Briggs (B), o Psychological Type (T) Indicator (I) – **MBTI** (KEIRSEY, 1984, p. 4). A grande contribuição de Myers & Briggs foi acrescentar aos estudos de Jung dois novos elementos da personalidade – as letras P/J (KEIRSEY, 1998. P. 13). Isabel Myers encontrou Tipos Psicológicos de Jung em 1956; Terminou seu livro em 1958; Lançou seu MBTI em 1962 (KEIRSEY, 1998. P. 18).

David Keirsey começou a observar os Tipos Psicológicos em 1956 (KEIRSEY, 1984, p. 67). Keirsey não utilizou diretamente as funções psíquicas de Jung, mas aproveitou a descrição comportamental das funções (KEIRSEY, 1984, p. 27). Uma das grandes contribuições de David Keirsey, e que o tornou um diferencial no estudo da temática, foi a ideia de reunir os 16 tipos psicológicos de Mayers e Briggs em torno dos 4 temperamentos de Platão. Na verdade este é um dos grandes diferenciais de seus estudos. Depois de 20 anos de pesquisa, o psicólogo David Keirsey refinou a teoria dos 4 temperamentos que podem se dar em 16 tipos (mais detalhados). Cada um de nós para Keirsey, tem os quatro tipos de inteligência: tática, logística, diplomática e estratégica. Suas pesquisas mostram que algumas destas inteligências são mais preponderantes em cada um de nós. Fazendo com que cada tipo tenha uma destas inteligências mais desenvolvidas e preferíveis que as outras (KEIRSEY, 1984, p. 210).

Como diz Keirsey, o mais importante são os 4 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT; as outras letras e variações dos 16 tipos são finas distinções para acurar, melhorar, refinar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

Tudo isso corrobora o princípio defendido por Keirsey, de que todos nós temos nossos interesses e sem sombra de dúvidas, fazemos melhor aquilo que nos interessa. Da mesma forma que gostamos de fazer o que nos interessa porque o fazemos bem. Em outras palavras, seremos felizes e bem sucedidos fazendo o que mais nos interessa (KEIRSEY, 1998. P. 43).

Em outras palavras, diferentes personalidades, têm diferentes perspectivas e diferentes visões de mundo (KEIRSEY, 1998. P. 46). E quando se trata de nossas áreas de interesse e que casa com nossas habilidades, o trabalho terá uma maior chance de ser bem feito e uma possibilidade maior de qualidade e satisfação (KEIRSEY, 1998. P. 86).

⁸ JUNG, Carl. C. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

⁹ E/I (Extroversão / Introversão); F/T (Feeling / Thinking); S/N (Sensible / iNtuição);

1. Átomos e Moléculas¹⁰

Segundo João Sérgio Lauand, numa comparação, o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição com a união de dois “átomos” dessas preferências básicas. Para Keirsey, os temperamentos se configuram como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas. Para a composição de nossa molécula, podemos considerar os pares opostos de preferências (átomos): I/E (Introversão/Extroversão); S/N (Sensible / iNtuição); T/F (Thinking / Feeling) e J/P (Julgamento / Percepção) (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24). Em nosso caso especificamente, iremos explorar as características dos pares (S) Sensatez e (P) Percepção.

O primeiro átomo é o S (Sensible), que é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, pé no chão, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. O átomo (S) é o de uma pessoa realista e *sensible*, geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes. A pessoa que se caracteriza pelo átomo (S) sensatez, acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24).

Desta forma, usando a preferência (S), o tipo temperamental se complementar, ou melhor, se equilibrará com a união com um dos dois átomos da oposição J/P (Julgamento / Percepção). Utilizaremos para nossa análise o (P), que é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos padrão, rotinas, esquemas e prazos (LAUAND, J.S., 2010, p. 24).

Portanto teremos nosso temperamento formado pelo átomo da Sensatez (S), somado ao átomo da Percepção (P). O SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. O tipo SP (realista/perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. O SP é indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise (LAUAND, J.S., 2010, p. 24).

2. O Artesão (SP).

A essência da molécula Artesão (SP) é a impulsividade. O SP é incansável no impulso da ação, se não tiver ação ele desanima. Ele se orgulha precisamente de sua liberdade, mas não só isso, ele quer que os outros vejam como é ser livre. O Artesão (SP) age como se não houvesse amanhã, cada dia traz uma nova aventura. Eles não são regidos por objetivos, mas por ações. Eles não se preocupam com cansaço, fome, desconforto, eles saem fazendo o que os impulsiona. A busca empreendida pelo SP é por prazer. Ele está ancorado na liberdade e na fraternidade (KEIRSEY, 1984, p. 31 - 41).

O Artesão (SP) tem uma alegria borbulhante. Ele tem fome por ação, e quer ser visto como tendo liberdade para agir. O SP é um artista, jogador, aventureiro, brincalhão, desinibido, extremamente ativo. São espontâneos, imediatistas, ou seja, as coisas tem que acontecer aqui e agora. Buscam o prazer em suas atividades e estão sempre atrás de uma vida prazerosa (KEIRSEY, 1984, p. 116 e 121).

Na verdade o estilo ensino/aprendizagem do Artesão (SP) é prático, ele necessita da experiência, do concreto. O SP não tolera aulas expositivas, monótonas.

¹⁰ Para um maior aprofundamento nesta temática, consultar o artigo de João Sérgio Lauand: *David Keirsey e a SJ Marie Barone*, Notandum 23 mai-ago 2010 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto < <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf> > acessado em 11/11/2021

Ele é ativo, deseja apresentações, performances, competições e atividades arriscadas. O SP ama entreter e ser entretido (KEIRSEY, 1984, p.122).

O Artesão necessita de um ambiente democrático. Sua busca constante por mudança é uma afronta direta aos padrões e regras estabelecidas. A necessidade de seguir rotina, dia após dia, semana após semana, ano após ano, é mortal para o Artesão (KEIRSEY, 1984, p.122).

Os Artesãos necessitam ardentemente de objetos que possam manipular. Qualquer material ou ferramentas que possam montar e desmontar objetos lhes atraem. O certo é que papel e caneta são mortais para o ativo SP. Sua prática ensino/aprendizagem flui melhor com apresentações visuais ou verbais, que envolvam ação (KEIRSEY, 1984, p.122-123).

Na verdade o Artesão traz excitação e diversão para a sala de aula, o que normalmente não é tolerado pelos outros professores. São populares entre os colegas, que admiram sua ousadia e coragem (KEIRSEY, 1984, p. 123).

O desinteresse do Artesão pelas questões burocráticas e sua displicência com as tarefas repetitivas e desinteressantes são causas constantes de desentendimento e discussão com seus superiores (KEIRSEY, 1984, p.123). Seja qual for o ambiente de trabalho, o SP fica irritado em receber ordens ou instruções sobre como trabalhar. Ele quer ser livre para voar, fazer o que precisa ser feito ao seu modo, no seu tempo. O SP não suporta seguir os padrões, não gosta de se preocupar com prazos ou regulamentos (KEIRSEY, 1984, p. 132).

O Artesão tem facilidade para lidar com situações de crise, precisamente por sua falta de apego às tradições, ao passado, às regras e regrinhas etc.. Não é de estranhar que quando há um incêndio, o SP é chamado para conduzir a situação e apagar o fogo. Sem sombra de dúvidas, o SP é o perfil mais indicado em resolver situações de crise, em desvencilhar situações demasiadamente confusas e críticas, e em solucionar problemas que outros tipos achariam insolúveis (KEIRSEY, 1984, p. 133-134).

Olhemos para uma escola (por exemplo), que se tornou palco de insatisfação e discórdia. Será o terreno exato para chamar o Artesão. Um lugar onde duas facções de professores estão lutando por causas diferentes, um espaço onde os pais e mães estão insatisfeitos com a escola, onde alunos estão cada vez mais se comportando de forma indesejável, um ambiente onde a Direção perdeu completamente a autoridade e a voz. Resumindo, um cemitério de diretores, com uma guerra entre pais, professores, diretores e alunos. Neste momento, o SP será talvez a única solução. Chegará despido de padrões, tradições, regras e regulamentos, e terá um único foco: acabar com a discórdia e resolver a crise rapidamente. Ele não terá laços afetivos ou pudores, ele simplesmente desejará a vitória final. Temos exemplos concretos de diretores SP que em três meses acabaram com as discórdias e reataram a paz no ambiente escolar. Sua habilidade incrível, seu charme, sua alegria, sua disposição para negociar, e seu talento para envolver as pessoas ao seu favor para colaborarem destruíram anos de discórdia e intrigas (KEIRSEY, 1984, p. 135-136).

O Artesão economiza força. Ele não vai gastar energia desnecessariamente; ele não luta contra o sistema, ele usa o sistema ao seu favor para vencer sua Guerra. Em outras palavras, ele não despende energia tentando mudar aquilo que não pode ser mudado, não gasta tempo tentando mudar as pessoas ou situações, ele olha com clareza e muda o que dá (KEIRSEY, 1984, p. 137).

O Artesão não se prende ao passado nem ao futuro. Ele vive o hoje, o ontem já foi esquecido, o amanhã ainda não veio, então não há com que se preocupar. Isso ajuda o SP quando tem que tomar decisões, pois os fantasmas ou sentimentos do

passado não lhe incomodam e o futuro não lhe pertence, então ele pensa: o que preciso fazer agora? E assim, os problemas são mais facilmente resolvidos (KEIRSEY, 1984, p. 137).

O Artesão não se vê ameaçado pela possibilidade do fracasso, isso tem um efeito motivador sobre os que estão a sua volta. Ele não tem medo de mudar de opinião, de alterar rotas, não se incomoda em mudar seus planos (KEIRSEY, 1984, p. 137).

3. O Temperamento do Professor Artesão (SP) na série televisiva Catalã *Merlí* e na série Dinamarquesa *Rita*.

Segundo Keirsey, o estilo de ensinar do Professor SP é muito divertido. Infelizmente poucos Artesãos prosseguem os estudos e chegam até a educação superior. Consequentemente, poucos estudam até se transformarem em professores. Os que alcançam as carreiras de professores se transformam em mentores divertidos, interessantes e excitantes. Professores SP proporcionam um clima de afetividade (se forem F), leveza e alegria na sala de aula. Naturalmente, estimulam a autonomia dos alunos e incentivam a liberdade. Professores SP são muito criativos, valem-se de diversos artifícios não convencionais para tornarem o aprendizado mais excitante e divertido (KEIRSEY, 1984, p. 158-159).

Na série Catalã *Merlí* (original Netflix), atualmente disponível no canal *Serie y Películas* (youtube), encontramos o Professor de Filosofia de mesmo nome. Neste episódio, Merlí presenteia seu filho Bruno com o livro *O Banquete* de Platão. Nesta cena ele diz: “... neste livro Platão descreve várias formas de amar”. Uma forma delicada para informar o filho que sabia que ele era homossexual e que ele entendia e aprovava.

Temporada 1 – Episódio 2



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

Da mesma forma, Rita, a professora Artesã da série dinamarquesa de mesmo nome, demonstra toda sua compreensão ao descobrir que seu filho Jeppe é homossexual. Logo após a descoberta Rita diz: Vamos pedir uma pizza?

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

Nestas duas cenas muito semelhantes, nossos professores SP já esboçam no início das séries que se adaptam rapidamente a novas situações. Da mesma forma, o SP se adapta às pessoas, não julga, ele as aceita como são. Possui uma facilidade incrível para aceitar a opinião dos outros. O SP verbaliza agradecimentos e elogios, isso o torna cativante, motivador e simpático (KEIRSEY, 1984, p. 137).

Os Artesãos transbordam liberdade e espontaneidade (o que atrai alguns tipos). Alguns *tipos* ficam encantados com a sensualidade dos Artesãos (KEIRSEY, 1998, p. 237 - 238). Um exemplo do que estamos falando é a personagem Merlí, professor de Filosofia que se relaciona sexualmente com uma colega professora num depósito da escola.

Temporada 3 – Episódio 3



https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2X18Pg/playlists

Para os SP sexo é recreação. Ele se diverte sexualmente em qualquer lugar e qualquer hora, não necessita de uma rotina sexual (KEIRSEY, 1998, p. 83-84). Segundo Keirsey, os Artesãos são charmosos (KEIRSEY, 1998, p. 266). O que naturalmente desperta paixões até entre as mães de alunos.

Temporada 1 – Episódio 5



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2X18Pg/playlists)

Este *sex appeal*, o mais exacerbado de todos os temperamentos, atrai e encanta parceiros e parceiras (KEIRSEY, 1998, p. 214). Os Artesãos se recusam a seguir as convenções (KEIRSEY, 1998, p. 242).

A Professora Artesã (SP) Rita se relaciona sexualmente no banheiro de um bar com o pai de sua aluna Rosa.

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

Ou se relaciona com o Diretor Rasmus, no chão da sala da diretoria da escola.

Temporada 1 – Episódio 4



www.netflix.com

O SP vê o sexo como gerador de prazer e diversão imediata e momentânea. Sexo é para aproveitar (KEIRSEY, 1984, p. 81).

Outra característica do SP é a rebeldia contra a autoridade. Por ter um senso de igualdade acima da média, o SP normalmente se rebela com autoridades paternas, supervisores ou diretores. Em particular o SP não gosta de ter que reportar suas decisões aos outros (KEIRSEY, 1984, p.122).

Dois cenas marcantes das séries que estamos analisando mostram tal situação. Primeiramente na série catalã, o professor Merlí (SP) decide levar os alunos (as) ao velório do querido professor Santi que falecera. Diversos professores da escola ficam profundamente inconformados pelos alunos terem saído sem aviso prévio no meio do período escolar. Quando o professor Merlí (SP) retorna com os alunos (as), o Diretor Toni, pressionado pelos outros professores, pergunta para Merlí, por que ele não pediu autorização. O professor Artesão responde: “Porque vocês não iriam deixar.”

Temporada 1 – Episódio 13



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

A segunda cena está na série dinamarquesa. No recorte em questão, o novo aluno Viktor está na classe, quando uma coleguinha de sala distribui profiteroles (carolinas). A professora Rita (SP) percebe que o aluno não pega nenhuma, e ainda diz para os colegas que o açúcar vicia mais que heroína. No mesmo dia, o pai de Viktor vai reclamar na escola e a escola decide não permitir mais doces no ambiente escolar. Rita (SP) discorda e acha um absurdo tal atitude. A Coordenadora Halle diz que Rita (SP) tem problemas com autoridade, e comunica que a escola proibirá doces nas salas de aula.

No dia seguinte, Rita faz um delicioso bolo de chocolate e leva para sala dos professores. Todos comem e se deliciam. A coordenadora Halle chega e se serve de um grande pedaço. Todos se deliciam e elogiam o bolo. Quando estão todos ainda com a boca cheia, Rita (SP) olha para eles e diz: enquanto vocês comerem bolo de chocolate, meus alunos também comerão. Ela se levanta e pega outro bolo inteiro de chocolate e leva para seus alunos.

Temporada 1 – Episódio 2



www.netflix.com

4. Refinando a análise do Temperamento SP

Como diz Keirsey, o mais importante são os 4 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT; as outras letras e variações dos 16 tipos são finas distinções para acurar, melhorar, refinar a análise ao longo do estudo (KEIRSEY, 1984, p. 13).

Desta forma, vale lembrar que temos 4 tipos psicológicos que orbitam em torno do Temperamento SP: ESTP/ISTP/ESFP/ISFP. Segundo Keirsey, são os Promotores (ESTP), Artífices (ISTP), Artistas Performáticos (ESFP), Compositores (ISFP) (KEIRSEY, 1998, p. 257 - 258).

Para uma mais acurada compreensão do Artesão, iremos analisar brevemente os dois tipos: (ESFP / ISFP), uma vez que os protagonistas das séries que adotamos, dão pistas de que se enquadram nestes respectivos tipos. Inicialmente percebemos que podemos incluir a função psíquica (F) Feeling para nossos dois professores Artesãos, uma vez que ambos tem o lado sentimental como características.

Na série dinamarquesa, a professora Rita fala para sua colega na escola que virou professora para proteger as crianças dos pais.

Temporada 1 – Episódio 3



www.netflix.com

Na série catalã, o professor Merlí decide ir até a casa de um aluno que estava abandonando a escola por conta de uma síndrome do pânico. Merlí decide ministrar

algumas aulas para este aluno na casa, ao mesmo tempo que utiliza todos os seus métodos nada ortodoxos (T.1/Ep.12) para conseguir levar o garoto de volta à escola.

Temporada 1 – Episódio 5



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

A característica do cuidado com os alunos e a defesa aberta de seus interesses aparece com muita força nos dois protagonistas que estamos analisando. Por exemplo, coincidentemente nas Temporadas 1 e Episódio 5 de ambas as séries, temos a professora Rita defendendo firmemente um aluno diante da coordenadora Halle; e o professor Merlí falando para seus alunos do ensino médio que não deixem os pais mandarem neles, muito menos imporem o que eles serão na vida. Estas características de extremo cuidado são típicas dos SFP.

Podemos observar para completar nossa análise, que necessitamos incluir as funções psicológicas da (I) Introversão (ISFP) ou (E) Extroversão (ESFP), tão valorizadas e bem desenvolvidas por Carl Jung em *Tipos Psicológicos* (JUNG, 1991).

Podemos inferir a Introversão (I) para a Rita, uma vez que ela recarrega as baterias quando está em sua casa sozinha. Como escreve Keirsey, os introvertidos (I) necessitam de lugares privados, de momentos de isolamento (KEIRSEY, 1984, p. 15).

Temporada 3 e Episódio 5



www.netflix.com

Keirsey aponta que pessoas que buscam o convívio com outras pessoas para recarregar suas baterias, suas energias, são extrovertidas (E), e pessoas que se energizam na solidão são introvertidas (I) - (KEIRSEY, 1984, p. 14).

O extrovertido (E) tende a fazer amigos com maior facilidade, entra em grupos de trabalhos escolares com facilidade, se ajustam a situações e opiniões novas com rapidez, são mais tolerantes e flexíveis com os colegas (KEIRSEY, 1984, p. 102). Portanto, podemos inferir para o Merlí, que é mais performático e se apresenta como o mais festeiro e popular da escola, o fator psicológico da Extroversão (E).



www.netflix.com

Para finalizarmos nossa análise, juntaremos os átomos (LAUAND, J.S., 2010, p. 23 – 24) para completarmos o perfil dos Professores Rita e Merlí.

Considerações finais: Rita (ISFP) e Merlí (ESFP)

Primeiramente vamos à série dinamarquesa Rita (ISFP). As pessoas deste perfil psicológico querem ser vistos como audaciosos e adaptáveis. São em torno de 10% da população. Eles confiam em seus impulsos. Tendem a não se expressarem verbalmente, mas através de ações. Eles fazem as coisas sem muito planejamento e preparação. Desenvolvem confiança e simpatia mútua com crianças (KEIRSEY, 1998. P. 72-73), se relacionando muito bem com elas (KEIRSEY, 1984, p. 206).

Na série Rita (ISFP), um aluno que não queria mais seguir fazendo testes de modelo e ator, veio pedir ajuda para Rita. Ele disse que amava jogar futebol, e que não queria mais ficar faltando na escola para fazer testes em agências. O aluno inclusive falou que seu longo cabelo o incomodava e que ele tinha que usar para os testes. Resumindo: Rita não resiste aos seus impulsos (para alegria do aluno e pavor dos pais) e corta o cabelo dessa criança.

Temporada 3 – Episódio 5



www.netflix.com

Os (ISFP) se sentem desmotivados quando presos a regras e regulamentos. Para serem felizes e produtivos necessitam liberdade de ação e movimento (KEIRSEY, 1984, p. 206).

Na temporada 1-Episódio 2, o pai do aluno Viktor vai falar com a professora Rita (ISFP), e a indaga o porquê de ela não incentivar os alunos a comerem vegetais. Ela responde: porque não é gostoso. A coordenadora Halle que deseja fazer a vontade do pai em proibir doces na escola diz para Rita, que ela tem sérios problemas com autoridade. Halle pergunta por que Rita se tornou professora? Nossa (ISFP) Rita responde com sarcasmo: pelo salário e para encontrar pessoas legais como você pelo caminho.

Temporada 1 – Episódio 2



www.netflix.com

Em segundo lugar, temos Merlí (ESFP) da série catalã. Ele é o que Keirsey chama de Artistas Performáticos. Ele é rebelde, extremamente positivo, radiante, caloroso, atrativo, otimista e alegre (KEIRSEY, 1984, p. 198). O (ESFP) atuará muito bem como professor, onde a diversão e a brincadeira estarão garantidas (KEIRSEY, 1984, p. 200).



www.netflix.com

O ESFP representa 13% da população. É o mais generoso de todos os tipos. Como já falamos, *Performer* é a palavra que o resume. Eles amam trabalhar com pessoas (KEIRSEY, 1984, p. 198 - 199).

O ESFP tem um ar de sofisticação. Gostam das coisas boas da vida: moda, comida, bebida, conforto e diversão. O ar leve e descontraído do ESFP transmite uma alegria contagiante. Para eles e para os que estão a sua volta, a vida vira uma festa contínua. A casa do ESFP é sempre cheia de amigos e de tempos felizes (KEIRSEY, 1984, p. 198 - 199).

Os ESFP são muito sensíveis à dor dos outros (KEIRSEY, 1998. P. 71). O Professor Merlí junta sua sensibilidade a sua alegria e transforma uma simples ajuda

ao aluno Ivan, com síndrome do pânico, numa celebração com a mãe deste jovem e num movimento coletivo de ajuda ao aluno, envolvendo todos da sala de aula. Tudo vira uma festa (KEIRSEY, 1998. P. 71).

Temporada 1 –Episódio 13



(https://www.youtube.com/channel/UCPN_fofJKW197_Uar2Xl8Pg/playlists)

Como verifica Keirsey, o ESFP tem uma generosidade natural. Seu senso de liberdade faz com que ajudem, deem assistência e colaborem com todos, sem esperar nada em troca. O ESFP é contagiante, para ele a vida é uma cornucópia de prazeres, riqueza, alegria e diversão. Em outras palavras a vida não requer esforço, pois naturalmente os prazeres e desejos serão satisfeitos e supridos (KEIRSEY, 1984, p. 199).

Enfim, de acordo com Keirsey, assim como as células se desenvolvem e formam o organismo humano, da mesma forma, ao iniciar a formação deste novo ser humano, as células constroem o temperamento humano. Para Keirsey o temperamento de uma pessoa é uma condição biológica (KEIRSEY, 1998. P. 31).

Referências Bibliográficas

JUNG, Carl. C. Tipos Psicológicos. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991

KEIRSEY, David. Please Understand Me II, Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998

KEIRSEY, David. Please Understand Me, Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

LAUAND, Jean; MEDEIROS, Alexandre. *Tipos de David Keirsey na escola – um roteiro de pesquisas*, Revista Conventit Internacional 35 jan-abr 2021 Cemoroc-Feusp – Universidade de São Paulo, 2021

LAUAND, João Sérgio. David Keirsey e a SJ Marie Barone, Notandum 23 mai-ago 2010 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto < <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf> > acessado em 11/11/2021

MEDEIROS, Alexandre. *Tipos e Estereótipos: uma análise keirseyaniana da escola, seu cotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)*, Revista Internacional d'Humanitats 56 set-dez 2022 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona & Universidade de São Paulo, 2022

A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ

Enio Starosky¹¹

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O autor tem publicado diversos artigos sobre esses tipos e preferências religiosas. Neste breve artigo, procura apontar o evangelho de Mateus, como um livro escrito por um tipo SJ, o “guardião”.

Palavras Chave: David Keirsey. preferências religiosas. Tipo SJ. Evangelho de Mateus.

Abstract: The psychological types of David Keirsey has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. The author has published some articles about DK's types and religious preferences. This short article shows the Gospel of Mathew as a book written by a SJ type, “guardian”.

Keywords: David Keirsey. religious preferences. SJ type. Gospel of Mathew.

Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseyaniana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuteronomio e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuteronomio 6.5.¹² O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o

¹¹. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e Doutor em Ciências da Religião nessa universidade. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

¹² O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

Senhor teu Deus com todo o teu *coração*, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseyaniana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).



<https://jigarodrigues.wordpress.com/artigos/simbolos-dos-quatro-evangelistas/>

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Mateus, o SJ.

Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a

“esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja uma concordância de que os dois sejam N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

A noção de que a humanidade tem quatro faces, de fato, também parece estar em evidência no mais importante conjunto de livros do Novo Testamento, os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Acreditamos que não é por acaso que sejam *quatro*, escritos em *quatro* estilos diferentes por *quatro* personalidades muito diferentes. Por que a Igreja primitiva incluiu no Novo Testamento *quatro* evangelhos? Por que os pais da igreja não integraram os vários relatos de Jesus em uma única narrativa? É provável que nunca saberemos ao certo, mas Irineu, Bispo de Lyon, baseou sua explicação (em 185 dC) sobre o que parece ser a suposição comum na teologia cristã: que, uma vez que “a criatura viva é quadriforme... O Evangelho também é quadriforme” (*Adversus Haereses*, iii, II, 8). Estudiosos do assunto respondem a essa questão de diferentes maneiras. Um deles, J. David Bersagel (2019), afirma que cada evangelho surgiu de um dos centros da fé dos primeiros anos da fundação da igreja: Antioquia, Alexandria e Jerusalém; que cada um dos diferentes evangelhos representava uma escola de pensamento sobre Jesus e que diferentes narrativas dariam mais confiabilidade, autoridade e autenticidade. Deixar de fora um evangelho poderia abrir espaço para desconfiança, mas incluir os quatro seria uma forma de unificar as comunidades cristãs. Bersagel aponta também justamente para o fato de que em cada evangelho encontramos pistas sobre a natureza ou o caráter do público para o qual foi escrito. Mas houve também quem achasse quatro evangelhos um exagero. Por exemplo, o discípulo de Justino Mártir, Taciano, um antigo apologista e asceta cristão, procurou combinar todo o material textual sobre Jesus que encontrou nos evangelhos em uma única narrativa.¹³ E pelo menos uma parte da igreja siríaca usou essa harmonização dos evangelhos no século V. Porém, tal harmonia dos evangelhos mostrou-se suspeita para a maioria da igreja e na maior parte do mundo cristão, as comunidades escolheram preservar e usar os quatro evangelhos.

Então, o que há de especial nessas quatro testemunhas de Jesus que levaram a igreja a continuar a reivindicá-las como verdadeiras e sagradas histórias da história de Jesus? A motivação foi apenas apostólica, foi a localização geográfica, seu ponto de vista teológico, seu contexto? Ou há algo mais que justifique que quatro evangelhos sejam incluídos no cânone do Novo Testamento?

À luz da teoria keirseyiana dos temperamentos isso parece apontar para uma motivação bem distinta e especial. Cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus. Portanto, quando a igreja incluiu os quatro evangelhos no cânone isso parece que não teve relação com a geografia do evangelho, ou com autoridade apostólica, mas com o tipo de pessoas a quem essas narrativas foram dirigidas. Ao incluir os quatro evangelhos a igreja estava incluindo simplesmente todas as pessoas. O caráter absolutamente inclusivo estava presente. A seleção dos quatro evangelhos evidenciou que a comunidade cristã desejava acolher a todos.

¹³ A tentativa de resolver a crise lecionária que enquadrava a vida de Jesus numa única narrativa contínua dividida em 55 capítulos ficou conhecida como *DIATESSERON*. Um lecionário que coincide com o número de semanas do ano mais algumas para o Natal e a Páscoa. <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/leccionario.htm> - Acesso em: 29. 05. 2019

O que isso pode significar para a liderança religiosa – especialmente para os que pregam e ensinam? Entre outras coisas, que os textos precisam ser pregados e ensinados sem aquelas fixações comuns de preferências de alguns textos em detrimento de outros. Esse risco é enorme, pois é muito comum (e, de certo modo, natural) que líderes tenham as suas histórias preferidas. Talvez por isso já a igreja antiga tenha organizado um Lecionário que a cada quatro anos conta todas as histórias dos quatro evangelhos nas leituras dominicais. Isso exige que os pregadores e professores considerem com seriedade o fato de os evangelhos terem uma perspectiva diferente, uma voz diferente – a voz do próprio escritor do evangelho. Isso significa que a cada quatro anos as pessoas de cada temperamento têm a oportunidade de ouvir o evangelho em sua própria “língua”, na linguagem que é mais parecida com a “clave” na qual eles se encontram – de acordo com as suas próprias “chaves temperamentais de leitura de vida”. Essa é outra grande contribuição do conhecimento da teoria dos temperamentos para os que pregam e ensinam: a de levar muito a sério as vozes dos escritores dos evangelhos e não ceder à tentação de falar no seu próprio tom pessoal. Uma abordagem que considerar esses aspectos provavelmente estará mais propensa a alcançar mais pessoas e com maior autenticidade o evangelho. Claro que tal abordagem exige que o pregador ou o professor não tenha em mente o seu próprio temperamento, mas que deixe falar o temperamento do evangelista. E isso pode mudar muito a forma de contar e até de interpretar as histórias dos diferentes evangelhos.

O evangelho SJ - Mateus

O evangelho segundo Mateus é um relato histórico ou tradicional de Jesus. Na tradição cristã é simbolizado por um homem – por iniciar sua narrativa com uma longa genealogia e dar enfoque especial à humanidade de Jesus. É provavelmente a palavra de um SJ (“Guardião” – Mateus era um oficial da alfândega e coletor de impostos, um estudante da Lei Hebraica e da tradição dos escribas) e, portanto, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Refere-se a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos em conjunto. Mateus deleita-se em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal.

Como já sabemos, o temperamento SJ é o mais numeroso. De acordo com DK os guardiões são cerca de 45% da população mundial. Portanto, sempre tiveram um lugar de destaque na experiência humana. É chamado de Guardião porque, desde os tempos remotos da história da humanidade, é o tipo que mais protege sua família e a comunidade. SJ é um Bento XVI, preocupado em preservar a tradição da doutrina religiosa e o são boa parte dos juízes das Supremas Cortes da maioria dos países na atualidade. São guardiões que buscam “trazer o passado para o presente”. Para o Guardião, Shakespeare está certo quando diz que “o passado é um prólogo...” (apud Bersagel, 2019, p. 811). Valoriza a tradição, o *common sense*, a história, crenças moralmente corretas e está atento às necessidades dos outros.

Keirse recolhe de Meyers uma série de palavras para descrever esses Guardiões (SJ): conservador, meticuloso, confiável, detalhista, factual, trabalhador, paciente, perseverante, rotineiro, sensato, estável, não-impulsivo. Os Guardiões podem ser comparados aos castores que constroem meticulosamente uma estrutura e estão

dispostos a defender essa estrutura contra qualquer um que tente destruí-la. A inclinação do Guardião é se conectar com o passado. E o que observamos no evangelho de Mateus? Uma conexão constante com ênfase na tradição e no passado. Não é por acaso que ele comece sua história colocando-a no contexto da tradição judaica. A genealogia começa com Abraão para mostrar que Jesus não caiu de repente do céu, mas sua vinda teve uma preparação profunda, pois para Mateus a autoridade e autenticidade da testemunha encontram-se em conexão com o passado. Jesus não traz algo novo em suas palavras e ações, mas é um cumprimento do passado. Essa conexão o credencia como o Messias de Deus. Se Marcos (SP) repete muitas vezes a palavra “de repente”, Mateus repete frases como “para que se cumprisse o que foi escrito” ou “como está escrito”. São citações da Lei e dos Profetas que ligam Jesus à história do povo de Deus do Antigo Testamento. Se para Marcos é importante falar do passado-presente, do aqui e do agora, para Mateus importante é falar do presente-passado – daquilo que agora remete ou tem raiz no passado. Ou seja, ainda que Marcos e Mateus sejam do tipo S, Marcos enfatiza a necessidade de quebrar o vínculo com o passado, enquanto Mateus demonstra que é necessário prolongá-lo, pois Deus está cumprindo suas promessas que têm raízes no passado. A ênfase de Mateus é clara: “*Jesus não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los*” (5:17).

O público de Mateus é provavelmente uma mistura de judeus e gentios - uma mistura do velho com o novo. Arrancar as raízes (o velho) prematuramente é destrutivo para um SJ. Após a prisão de João Batista, a mensagem de Jesus em Mateus é resumida com as próprias palavras de João: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (4:18). O evangelista quer ressaltar que o ministério de Jesus está fundamentado no que veio antes, nas palavras de João Batista. O reino de Deus é, antes de mais nada, presença. Uma presença que se coloca no meio do povo escolhido no passado. Mateus abre seu evangelho dizendo que o nome da criança deve ser Emanuel – Deus Conosco. E termina com as palavras de Jesus: “Eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos”. Durante toda sua narrativa Mateus está querendo dizer “Deus está presente, Deus sempre foi, é e será”. Em Jesus, o passado é trazido para o presente, a história é trazida para o presente. Quando Jesus morre na cruz, Mateus é o único a contar que naquele momento “muitas pessoas do povo de Deus (os santos) que haviam morrido saíram dos túmulos” (27.53,54), para testemunhar o que Deus estava fazendo no mundo.

É muito interessante observar que Mateus com frequência insiste em trazer o passado para o presente, precisamente como o Guardião que sempre está preocupado em fazer a coisa certa. Mateus quer “cumprir toda a justiça” (2.13-17). E narra com zeloso cuidado a coisa certa a fazer quando Maria fica grávida, ressaltando que em sonho José foi orientado por um anjo a não abandonar sua noiva. E novamente cita a profecia de que “tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta...” (1.18-25).

O tema que se estende ao longo deste evangelho é a pergunta: “O que significa ser justo”? A palavra é *tsedekah* – justiça – é recorrente. A ênfase se dá em fazer o que deve ser feito ou da maneira como deve ser feito. Isso fica mais claro nas parábolas do fim dos tempos no capítulo 25. Neste trecho do evangelho são feitos juízos sobre quem prova ser justo, que agiu corretamente, respeitosamente. Aos bons, aos que agiram com retidão, vem o elogio: “Muito bem, servo bom e fiel ...” (25.31,33). Aos maus, vem a sentença: “E irão estes para o castigo eterno” (25.46).

Mateus também sinaliza um tipo diferente de justiça em ação em Jesus. O Sermão da Montanha inclui uma lista de advertências para estar ciente dos perigos de viver a fé cristã. Especialmente o perigo dos exemplos de líderes religiosos como os fariseus. Mateus alerta para a prática de sua piedade diante dos outros; para a forma de

julgar os outros; contra os falsos profetas; contra a tentação de acumular dinheiro ou bens. Essas e outras advertências são mais dirigidas por Mateus a uma comunidade composta de judeus e gentios o que demonstra a preocupação típica de um Guardião atento às necessidades (pelo menos na visão dele) dos outros. A linguagem é sempre muito concreta. Mesmo nas parábolas não há uso de metáforas, mas de símiles. “O reino de Deus é como...” – símiles são extraídos do mundo cotidiano, de coisas do dia a dia que as pessoas conhecem. Várias parábolas simplesmente sugerem que o reino, a presença de Deus já está no mundo à espera de ser encontrado. Essa presença está disponível para quem procura. Aí, como regra áurea, diz Mateus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrirem-se-vos-á” (7: 7) A presença de Deus está oculta, mas ao mesmo tempo, disponível. Possuir, conhecer a presença de Deus é o maior bem e torna-se a verdadeira justiça. Assim também no capítulo 24 quando fala sobre a vinda do ‘Filho do Homem’, Mateus apresenta imagens da vida cotidiana para advertir contra o descuido de não estar preparado no dia do juízo. A meta é a fidelidade. “Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual o seu senhor confiou a direção de sua casa, para que, a tempo, dê a todos o sustento? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo” (24.45,46). Como sabemos, para o SJ o maior bem e satisfação é cumprir o dever. Para ele fazer o que alguém foi orientado a fazer agrada a Deus e cuidar das responsabilidades de alguém é ser justo.

A ênfase de Mateus na retidão, na construção da tradição, formou a vida de muitas igrejas cristãs. Se observarmos, por exemplo, a estrutura da igreja que católicos romanos construíram, na qual há a tradição de fazer a coisa certa, veremos que ela desempenha um papel significativo: sucessão apostólica, o papa ocupando o trono de Pedro, a lei canônica delineando deveres, as responsabilidades dos fiéis, etc. A ênfase no dever de preservar a tradição aponta nesta mesma direção. Isto também é válido para outros grupos religiosos para os quais são importantes a tradição, regimentos fortes e detalhados e regras escritas para a vida em conjunto. A construção da tradição e a descrição concreta do ser justo fazem de Mateus o evangelho esses grupos mais apreciam. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs por sua propensão ao tradicionalismo e à inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/typologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels**: Gospel Temperament and Preaching. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP

Enio Starosky¹⁴

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirse têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O autor tem publicado diversos artigos sobre esses tipos e preferências religiosas. Neste breve artigo, procura apontar o evangelho de Marcos, como um livro escrito por um tipo SP, o “*artisan*”.

Palavras Chave: David Keirse. preferências religiosas. Tipo SP. Evangelho de Marcos.

Abstract: The psychological types of David Keirse has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. The author has published some articles about DK's types and religious preferences. This short article shows the Gospel of Mark as a book written by a SP type, “*artisan*”.

Keywords: David Keirse. religious preferences. SP type. Gospel of Mark.

Introdução

Em artigo recente “A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ” (Revista Internacional d’Humanitats N. 49 - www.hottopos.com/rih49/index.htm) examinei o caso SJ – que serve de excelente contraste para o SP, agora em pauta. A introdução daquele artigo serve, naturalmente, também para este, mas aqui a introdução será para situar o tipo SP de Marcos (em contraste com o SJ), que remete a outro artigo, que publiquei em parceria com Jean Lauand (“Tipos de David Keirse -identificandoalgumas características II” em Revista Internacional d’Humanitats N. 45 – <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirse.pdf>). Permitir-me-ei remeter às introduções desses dois artigos, que permitirão bem enquadrar nosso evangelista.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirse é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

¹⁴. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e Doutor em Ciências da Religião nessa universidade. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirsey.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os

SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”)¹⁵; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

2. Temperamentos e os quatro evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseyaniana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuterônimo e outro, do Profeta Ezequiel.



<https://www.liturgicalartsjournal.com/2019/01/the-four-evangelist-carving-by-albl.html>

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuterônimo 6.5.¹⁶ O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

¹⁵. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marias: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

¹⁶ O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseyaniana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Marcos, o SP.

3. Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a “esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja concordância de que os dois são N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

À luz da teoria keirseyaniana dos temperamentos, podemos pensar que cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus.

O evangelho SP - Marcos

O Evangelho segundo Marcos é a versão de uma testemunha ocular da história de Jesus. De linguagem simples e direta, é o mais curto dos evangelhos (Mateus tem 28 capítulos, Lucas 24, João 21 enquanto Marcos tem apenas 16). É pouco organizado, cheio de detalhes vivos e de ação física, escrito por alguém de caráter impulsivo (o Leão era o símbolo de Marcos na arte medieval). Remete a alguém que ama “*com todo o seu coração*” – “tipicamente” o keirseyaniano SP.

Como veremos, o temperamento SP – *artisan* – aplica-se ao evangelho de Marcos por várias razões. A chave para compreender o estilo de Marcos parece ser a parábola do semeador. A impetuosidade do semeador e o excesso de recursos é a surpresa dessa história. Está em jogo, sobretudo, as grandes transformações que as sementes causam na vida das pessoas e no mundo. A semente produz frutos porque há um poder dentro dela que transforma tudo ao redor, uma das características principais dos artesãos. E Marcos “incorpora” exatamente este temperamento. Os SP são ativos. A narrativa do batismo de Jesus neste evangelho, por exemplo, é uma história de pura ação e pouca reflexão. O temperamento SP olha o passado por causa do presente e

busca mudar o presente. No rio Jordão, Jesus vê os céus “se rasgarem” e o poder de Deus é apresentado como livre, solto no mundo. E, uma vez livre, é um poder que não pode ser aprisionado, mas continuará a operar no mundo de maneira selvagem e até mesmo de forma desajeitada. Quando um jovem rico vem a Jesus procurando e lhe pergunta o que é preciso para herdar a vida eterna, Marcos narra claramente que Jesus não está preocupado com uma fé abstrata, mas com o que a fé faz concretamente na ação cotidiana. Há uma ordem inequívoca sobre o que fazer: “*Vá vender tudo o que você tem e dê aos pobres; então venha, siga-me.*” Para a narrativa do evangelista Marcos a história de Jesus tem esse filtro temperamental cuja característica mais importante é a ação, a urgência, a impulsividade. Os SP vivem no agora. A ênfase no batismo de Jesus são as palavras de autoridade naquele instante, naquele momento, não as que falam no passado (Marcos 1:27, 2:12, 4:41, 5:20, 5:42, 6: 2, 6:31, etc.) Essas palavras transformam as pessoas, mudam sua experiência de vida, colocam-nas em uma nova situação.

É interessante observar que logo no início do seu evangelho, Marcos apresenta as palavras de Jesus que “*ninguém costura um pedaço de tecido novo em um manto velho e que ninguém põe vinho novo em odres velhos*” (Mc 2.21.22). São declarações que atestam a compreensão do autor no valor do imediatismo e da novidade do modo como Deus atua no mundo. Também vale destacar o fato de neste evangelho Jesus começar seu ministério com o anúncio: “*O tempo se cumpriu e o reino de Deus está perto; arrependam-se e creiam no evangelho*”. Reino é poder. Por isso também o imediato relato do batismo de Jesus soa como prólogo de todas as ações de Jesus que serão narradas em seguida. Esse poder não chegará num futuro distante, mas é apresentado como o tempo que já se cumpre agora. O poder de Deus está em ação agora. A mensagem de Jesus se torna o poder de Deus que está solto no mundo e que traz tanto mudança quanto fé. Por isso também não surpreende que a palavra, “imediatamente” apareça com frequência. Conforme 1:14, 18, 42; 2:13; 3: 6 – para citar apenas alguns textos – Marcos está mais interessado no “agora”. Nem no passado nem no futuro. E não há qualquer menção da ascendência de Jesus – como acontece em Mateus e em Lucas. Jesus simplesmente chega cheio de poder e age no mundo. Essa característica também é muito clara no final do evangelho. Marcos anuncia a ressurreição de Jesus e imediatamente termina a narrativa com as mulheres aterrorizadas e com medo [os versos 9 a 20 do último capítulo são acrescentados posteriormente]. Portanto, o interesse de Marcos não está nas aparições da ressurreição, nem em pensamentos especulativos sobre ressurreição, ou em teologização abstrata. Ele simplesmente anuncia a ressurreição e pede àqueles que ouvem a história uma resposta a esta Boa Nova.

Outra característica dos *artisans* é o uso de palavras concretas em vez de abstratas. Obviamente que nas parábolas esse aspecto é exceção. Porém, a presença de narrativas em forma de parábolas em Marcos é bem pequena. Parece que intencionalmente o autor “foge” das narrativas que contenham metáforas e figuras de linguagem que remetam à abstração. Com frequência aparecem histórias que acentuam a poderosa palavra de Jesus que é capaz de mudar concretamente a vida das pessoas. Há várias histórias de cura em Marcos e a linguagem é simples e direta. Alguns exemplos: Para o leproso – “Quero, fica limpo” (1:41). Para o paralítico - “Levante-te, toma o teu leito e vai para a tua casa” (2:11). Para o homem com uma mão ressequida – “Estenda a mão” (3.5). Para o vento e o mar “Cala-te, emudece” (4:39). Para a filha do líder da sinagoga – “Menina, eu te digo: levanta-te” (5.41). Para o homem surdo – “Efatá” (7.34). Para o cego Bartimeu - “Vai, a tua fé te curou.” (10:52). Cada uma dessas declarações fala por si mesma. Uma palavra simples e concreta que traz mudanças de vida. A predileção de Marcos pelo concreto aparece até mesmo quando ele conta a história da ressurreição. Enquanto Mateus e Lucas colocam anjos no

sepulcro, Marcos notará apenas que um “jovem” tem uma mensagem para as mulheres. Ele não é descrito como um anjo ou ser celestial. Ele é um ser humano concreto e real. E traz uma mensagem muito concreta: “Jesus não está no túmulo... Ele vai adiante vós para a Galileia” (16.7). Essa preferência para o concreto também significa que Marcos não idealiza aqueles que seguem a Jesus. Ao longo do evangelho, os discípulos não entendem a importância do que está acontecendo. Tendo experimentado o anúncio da ressurreição, as mulheres ficam maravilhadas e com medo. São pessoas reais que reagem de maneira humana ao que experimentam.

O *artisan* (SP) também gosta de usar as mãos para fazer as coisas e vemos isso na narrativa de Marcos. Várias vezes Jesus faz uso das mãos. Em Betsaida, os amigos de um cego pedem que Jesus o toque. Jesus toca os olhos do homem com saliva e ele vê; Jesus pega a mão da filha do líder da sinagoga e dá a vida a ela; os dedos de Jesus tocam pessoas surdas e elas ouvem; com uma palavra. Quando o menino exorcizado aparece morto, Jesus o pega pela mão (14.20-29); pelas suas mãos o pão se torna seu corpo e o vinho se torna seu sangue. Jesus usa não apenas palavras, mas ações também.

Outra característica dos *artisans* presente no evangelho de Marcos é que eles estão dispostos a correr riscos. Todos os tipos de riscos. Não só uma, mas várias vezes Marcos diz que Jesus come com “pecadores”. O Jesus de Marcos ignora as tradições e os costumes para abrir caminho para uma nova maneira de estar no mundo, por exemplo, quando rejeita sua família biológica e quando cruza as fronteiras para Tiro, Sidon e Decápolis. Ele está pronto e disposto a assumir riscos para salvar o mundo. Essa sensação de viver a vida ao máximo, vivendo de maneira prática, já aparece no início do evangelho. Sua pouca consideração pelas tradições também aparece quando seus discípulos colhem um pouco de cereal para se alimentar no sábado. Os anciãos dizem que estão quebrando as leis. Jesus é categórico ao dizer que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (2:27). As regras e regulamentos em torno do sábado não têm precedência sobre as necessidades das pessoas.

É evidente que os melhores ouvintes dessa narrativa são aqueles tipos que, assim como o próprio autor, apreciam a ação, o poder, a cura dos males concretos da vida, coisas que querem disponíveis imediatamente. Não querem olhar para o futuro nem para o passado, mas para o presente. O evangelho de Marcos foi escrito para pessoas com características fortemente SP, para as que vivem no agora e estão dispostas a correr o risco de viver o presente, o momento. Esses tipos encontrarão no relato de Marcos maior inspiração e mais ânimo para viver.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/typologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels**: Gospel Temperament and Preaching. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

Decisão participativa na escola: estudo fundamentado em perfis de Keirse

Nadia Wacila Hanania Vianna¹⁷

Resumo: O presente artigo aborda o tema da decisão participativa na escola, apresentando resultados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica. Procurou-se investigar se há aspectos da personalidade do dirigente, que podem facilitar ou dificultar essa participação. Mais especificamente focalizou-se o aspecto temperamento (componente da personalidade), tal como estudado e descrito por Keirse (1998_a). Os quatro tipos básicos de temperamento foram estudados, e a análise dos tipos Artesão (SP) e Racional (NT) revelou que estes são os menos sensíveis ao compartilhamento de decisões, enquanto o Idealista (NF) e Guardião (SJ) são os mais propensos a utilizá-lo.

Palavras Chave: decisão, incerteza, temperamento, Keirse.

Abstract: This article addresses the issue of participatory decision in school, presenting results obtained from bibliographic research. We sought to investigate whether there are aspects of the leader's personality, which may facilitate or hinder such participation. More specifically we focused the temperament aspect (personality component) as studied and described by Keirse (1998_a). The four basic temperament types were studied, and the analysis of the types Artisan (SP) and Rational (NT) showed that these are the least sensitive to sharing decisions, while the Idealists (NF) and Guardian (SJ) are the most likely to use it.

Keywords: decision, uncertainty, temperament, Keirse.

1. Introdução

Qual é a melhor alternativa de decisão? É uma questão inquietante e que permeia o dia-a dia das pessoas e organizações. “Poucos processos são mais centrais para a vida e vitalidade de uma organização do que o processo de tomada de decisão”(VOLKEMA; GORMAN, 1998, p.105, tradução nossa). Na organização escolar não é diferente: “Tomada de decisão é uma das mais importantes atividades nas quais os gestores escolares se envolvem diariamente. O sucesso de uma escola está fortemente associado a decisões efetivas. Tomada de decisão é um processo que envolve escolhas” (LUNENBURG, 2010, p.11, tradução nossa).

Na escola podem ser reconhecidos dois atores importantes para tomada de decisão - diretor e professor -, sendo as atividades do primeiro voltadas, essencialmente, para aspectos relacionados à gestão da escola (estrutura, recursos financeiros, ...) enquanto aquelas do segundo têm foco no binômio ensino-aprendizagem. Há, porém, na literatura, estudos que apontam para a necessidade não preenchida de professores que expressaram o desejo de participação em decisões na esfera da gestão (RICE; SCHNEIDER,1994; CRANSTON, 2001; MOKOENA, 2011).

Em função do exposto, torna-se relevante indagar quanto aos fatores condicionantes dessa participação. Mais precisamente, buscou-se investigar – por

¹⁷. Mestre em Administração pela EAESP/FGV e Doutora em Administração pela FEA/USP. Professora aposentada FEA-USP.

meio de pesquisa bibliográfica - se há aspectos da personalidade do líder que podem facilitar ou dificultar essa participação. Cabe salientar, que o presente trabalho está fundamentado no aspecto temperamento (componente da personalidade), tal como estudado e descrito por Keirse (1984, 1988), importante psicólogo norte-americano.

Foram consultadas bases relevantes de trabalhos acadêmicos (teses USP, por exemplo) e artigos, como Jstor e Emerald, dentre outras, usando-se *decisão, escola, processo decisório, Keirse* e suas combinações como palavras chave.

Espera-se dessa forma contribuir para a valorização da participação do professor na tomada de decisões na escola, bem como oferecer subsídios para reconhecimento de condições que a incentivam ou limitam.

As próximas seções apresentam tipos de decisão e processo decisório, a tomada de decisão na escola, a relação temperamento- tomada de decisão, e as considerações finais.

2. Decisão

O processo de tomada de decisão é dito racional quando é possível identificar: o problema (motivo); definir objetivos; criar alternativas; entender as consequências de cada alternativa; confrontar os itens de negociação entre objetivos concorrentes; esclarecer incertezas; analisar a tolerância aos riscos implícitos em cada alternativa de decisão e examinar as decisões interligadas no tempo (HAMMOND; KEENEY; RAIFFA, 1999). Todavia, dadas as condições que permeiam o decisor e o problema, a racionalidade pode ser considerada limitada, pela impossibilidade de se reconhecer todas as alternativas, ou pela dificuldade na condução alguma outra etapa do processo; nesse caso o processo é denominado com racionalidade limitada (LUNENBURG, 2010, p.11).

É preciso, portanto, distinguir os dois tipos fundamentais de tomada de decisão que envolvem racionalidade: há aquelas que devem ser tomadas sob condições de certeza e outras sob condições de incerteza.

Condições de certeza estão associadas às situações em que é possível conhecer os elementos que interferem na decisão. Citem-se como exemplos, as condições que permeiam as decisões de programação da utilização de salas do prédio de uma escola pós-matrículas: tem-se conhecimento da quantidade de salas disponíveis em cada período e do número de funcionários.

As condições de incerteza, por outro lado, estão relacionadas com a impossibilidade de conhecimento de todas as condições que interferem na decisão. São exemplos, as condições subjacentes ao processo de tomada da decisão de expansão de uma escola: não se tem conhecimento da demanda futura de matrículas, nem sobre as regulamentações que serão introduzidas pelo governo na área educacional.

Em condições de incerteza é possível recorrer à estimação de probabilidades *subjetivas* da ocorrência de cenários delineados (BRAUERS; WEBER, 1988), mas para Knight (1921, apud LOMBARDI; BRITO, 2010, p.993) a dificuldade pode residir no próprio delineamento dos cenários.

É necessário salientar a forte influência do modelo mental do indivíduo no sistema de decisão, pois “[...] inclui percepções individuais de variáveis endógenas e exógenas, soluções alternativas, premissas da decisão e vieses da decisão” (CHERMACK, 2003, p.414, tradução nossa). Destaquem-se aqui as diferenças encontradas por Castillo, Petrie e Torero (2010) quanto à percepção do risco, em pesquisa que comparava empresários e gestores contratados: os primeiros são mais

propensos a assumir riscos do que os segundos. Diante disso, decisões individuais podem ficar distantes do que seria uma escolha racional.

Há que se registrar também as decisões tomadas a partir da intuição, o que para Dane e Pratt (2007, p.40, tradução nossa), “[...] difere de modelos mais racionais de decisão na medida em que é inconsciente, holística, associativa e mais rápida”.

Em função do exposto, autores como Angeloni (2003) crêem que a tomada de decisão nas organizações contará, cada vez mais, com a colaboração de pessoas e grupos de trabalho, evitando-se desse modo os vieses individuais. No tocante à decisão em grupo, é necessário escolher a forma pela qual serão consideradas as opiniões dos participantes e a identificação da opinião representativa do possível consenso (MATURO; VENTRE, 2009).

Nesse sentido, cabe notar as dificuldades que podem surgir tanto em etapas do processo, conforme exemplifica Braga (1988) ao se referir à avaliação das alternativas (estabelecimento de negociações entre os participantes para convencimento/persuasão quanto à melhor escolha), como em seu todo, de acordo com Wood e Pickerd (2011) ao mencionarem as pressões advindas da posição hierárquica ou personalidade forte de alguns participantes do grupo sobre os demais. Para atenuar tais problemas, a literatura pesquisada aponta métodos como o **Delphi**, desenvolvido pela *Rand Corporation* nos anos de 1950, que consiste em sessões de avaliação sem interação entre participantes e com *feedback* anônimo (WINKLER, 1971; WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000) e o método da **reavaliação pelo grupo** (GUSTAFSON, 1973). Este último tem como ponto de partida as estimativas feitas individualmente pelos participantes; em seguida tais estimativas são submetidas à apreciação do grupo com vistas à obtenção do consenso.

A composição do grupo também tem merecido a atenção de pesquisadores como se observa em Volkema e Gorman (1998), no estudo que comparou processos decisórios e resultados obtidos a partir de dois grupos formados à luz dos indicadores de temperamentos de Myers e Briggs (grupo cujos participantes tinham multitemperamento e grupo com um único tipo de temperamento) revelando-se melhor na formulação do problema o grupo multitemperamento. Nesse mesmo sentido, e mais recentemente, Vianna (2016) analisou a contribuição específica de cada tipo fundamental de temperamento, à luz de Keirsey, nas etapas do processo decisório racional.

3. Tomada de decisão na escola

Na escola são facilmente reconhecíveis duas esferas de tomada de decisão: ensino e gestão. A primeira, tradicionalmente atinente ao professor, tem como um de seus focos a elaboração e aplicação de sequências de ensino, conforme exemplifica Lima (2009, p. 51), no contexto da Matemática, mas compatível com outras disciplinas:

Nestes momentos de sua atividade o professor toma decisões com a finalidade de favorecer a aprendizagem do aluno. No entanto, quando ele está diante de várias escolhas é confrontado com a incertitude [incerteza]. Qual é a melhor maneira de abordar um conteúdo? Que sequência didática construir? Que problemas escolher? A partir de uma resposta do aluno, qual é a maneira mais pertinente de conduzir o processo de ensino?

Além das decisões descritas, pesquisas efetuadas têm revelado que o professor vem participando, juntamente com a direção da escola, de decisões em nível de currículo (NCES, 1995) além de outras decisões que são tomadas agregando até os pais ao processo (IMBER; DUKE, 1984; CRANSTON, 2001; MOKOENA, 2011).

No tocante à gestão da escola, Imber e Duke (1984, p.29) classificaram decisões nas seguintes categorias, admitindo que as decisões orçamentárias estejam implícitas em todas elas: Campo do ensino (conteúdo de curso, seleção de materiais,...), Pessoal (contratações, demissões,...), Prioridades e objetivos (melhoramentos na escola,...), Programação (calendário, locais,...), Relações extraescolares (relações públicas,...), Instalações (manutenção, alterações no prédio,...) e Conduta dos estudantes (regras, disciplinas,...). Nessas categorias, saliente-se há decisões sob condições de certeza, que são tomadas pelo pessoal administrativo, e outras, mais complexas, que cabem à direção e são tomadas sob condições de incerteza.

A participação do professor em decisões dessa natureza (condições de incerteza) tem sido percebida como contributiva para melhora no clima organizacional e aumento da satisfação no trabalho, conforme apontam autores como Rice e Schneider (1994) e por Cheng (2008, apud SARAFIDOU; CHATZIIOANIDIS, 2013), embora o oposto ocorra quando o professor percebe que seu envolvimento não influenciou a decisão. Por outro lado, Cranston (2001) levanta argumentos, oriundos de professores contrários a essa participação, dentre os quais são citados: propósito incompatível com o papel do professor, aumento na carga de trabalho, e falta de competências adequadas.

Mokoena (2011) apoiado em trabalhos de vários autores conclui que a gestão horizontal e descentralização possibilita a obtenção de resultados inalcançáveis com uma estrutura vertical e concentradora de autoridade. Esse autor considera que “o sucesso da tomada de decisão participativa tem muito a ver com a disposição do diretor para compartilhar o poder e sua habilidade para estabelecer os processos de tomada de decisão participativa” (MOKOENA, 2011, p.121, tradução nossa).

Diante do exposto cabe lembrar Pashiardis, que há mais de duas décadas recomendava:

Preparação para os processos de tomada de decisão deve começar no mais alto nível da educação. Professores e administradores devem aprender as implicações teóricas e práticas da decisão compartilhada. Como consequência, no futuro as expectativas gerais da carreira para professores e administradores mudarão assim que souberem quais serão suas obrigações antes de entrar no prédio da escola (PASHIARDIS, 1994, p.16, tradução nossa).

Com relação à participação dos alunos em tomada de decisões na escola, Mager e Nowak (2012) apontam a moderada evidência encontrada na literatura, de efeitos positivos dessa participação na autoestima e desenvolvimento de competências para a vida dos alunos. Os citados autores sugerem que pesquisas adicionais sejam desenvolvidas para identificação e mensuração desses efeitos. E com relação à participação da sociedade, tem-se a visão de Paula e Schneckenberg (2008, p.9 apud CABRAL; SOUSA; NASCIMENTO, 2015, p.146):

O envolvimento da comunidade externa é uma tarefa complexa, mas importante, e é competência dos líderes escolares articularem

estratégias que motivem a participação das famílias e da comunidade circunvizinha nas atividades escolares, inclusive no processo administrativo e pedagógico da escola. A presença da sociedade, na escola, é de grande relevância principalmente para acompanhar, o que acontece na escola, assim como participar nas decisões dentro da instituição. Também, a equipe de pedagogos, professores, funcionários deve ser valorizada nesse ambiente, assim sentir-se-ão motivados a contribuir para atingir as metas traçadas pela mesma [...].

Nas escolas brasileiras, excetuando-se aquelas de terceiro grau, há instâncias de tomada de decisão que são compulsórias, como os Conselhos de Classe, mas há outras não regulares, alinhadas com o aspecto gestão, conforme indicado anteriormente, nas quais a participação de colaboradores tem sido buscada pela direção. O perfil do diretor, no que tange ao seu estilo de liderança (conduta), pode exercer influência sobre o compartilhamento na tomada de decisões; nesse aspecto, Goulart Jr. e Lipp (2011, p.268, grifos nossos), com base em vários autores, ensinam:

A conduta **autoritária** do líder caracteriza-se basicamente pela centralização do poder e da determinação de políticas em torno dele, sem a participação do grupo. O dirigente determina as providências a serem tomadas, distribui as tarefas entre a equipe e aponta quem deve executá-las e a sequência mais adequada.

[...] Argumentam que, dentre as vantagens originadas por esse tipo de conduta do líder, destacam-se o favorecimento de decisões rápidas.

[...] Em relação à conduta **democrática** do líder, afirmam que é a antítese da liderança autocrática, ou seja, sua principal característica é a descentralização do poder, sendo as decisões tomadas coletivamente, com a participação e envolvimento do grupo de trabalho.

[...] A conduta **liberal** (*laissez-faire*) do líder, segundo os autores, caracteriza-se principalmente pela omissão deste, pois transfere sua autoridade para os liderados, conferindo-lhes o poder de tomar decisões.

Diante do exposto, é possível considerar que diretores autoritários não são propensos a implementar a decisão participativa em suas escolas, enquanto os democráticos e liberais orientam-se pelo sentido oposto.

E quanto às diferenças em termos de personalidade, ou mais especificamente de temperamento, o que se pode considerar quanto à sua influência na tomada de decisões?

4. Temperamento e tomada de decisão

A fundamentação para esse tópico foi buscada na teoria proposta por David Keirsey (1921-2013), importante psicólogo norte americano, que partindo de estudos de Jung e de Myers, aos quais agregou sua experiência de cerca de duas décadas de trabalho em consultório, desenvolveu teoria sobre temperamentos; ela está contida principalmente em *Please Understand Me I* (KEIRSEY; BATES, 1984) e na revisão *Please Understand Me II* (1998_a).

Para Keirsey (1998_a) temperamento é uma marca nata, uma inclinação ou pré-disposição da pessoa, enquanto o caráter é uma “configuração de hábitos” fruto da interação com o ambiente. Keirsey (1998_a) identificou **dezesseis** configurações de

temperamento, a partir de **quatro** combinações assimétricas de tipos. Cabe notar, entretanto, que há registros de estudos de Platão, Aristóteles, Galeno, Paracelsus e Spranger, dentre outros, sendo o mais antigo datado de 340 a.C. que também classificaram o temperamento humano em quatro categorias consistentes no tempo (KEIRSEY, 1998_a, p.26).

Que as características dos quatro temperamentos são consistentes no tempo não é acidental, mas parece refletir o padrão fundamental do tecido e tessitura da natureza humana. Na verdade, eu diria que os quatro tipos são derivados do entrelaçamento de duas ações humanas mais básicas, como nos comunicamos uns com os outros e como usamos ferramentas para atingir nossos objetivos (KEIRSEY, 1998_a, p.26, tradução nossa).

Os quatro tipos de Keirsey, conforme explica Lauand (2014) podem ser assim descritos:

- S/N, onde S é a preferência por fatos e N pela intuição e fantasia;
- P/J, onde P indica a preferência por situações abertas, sem padrões pré-determinados, e J aponta a preferência por rotinas e normas;
- F/T, onde F representa a preferência pela sensibilidade, e T pela objetividade; e
- I/E, em que I é introversão e E extroversão.

Assim, cada indivíduo pode ser estudado a partir de conjunto formado por quatro características, resultante da combinação de elementos dos tipos apontados, podendo estar presente apenas um elemento de cada tipo. Visando auxiliar na identificação do tipo de temperamento de uma pessoa, Keirsey e Bates (1984) desenvolveram questionário de fácil preenchimento, contendo 70 perguntas, sendo que cada uma envolve a escolha de uma dentre quatro alternativas.

Às combinações básicas SP, SJ, NF e NT, Keirsey (1984) atribuiu as denominações Artesão (*Artisan*), Guardiã (*Guardian*), Idealista (*Idealist*) e Racional (*Rational*). A partir das características desses tipos de temperamentos descritas por Keirsey (1998_a, 1998_b) foi possível selecionar algumas delas, que guardam estreita relação com a tomada de decisão dos indivíduos:

- SPs são ótimos na tomada de decisão imediata, realizada de pronto, uma vez que têm orientação para o aqui e agora; são amantes do risco e da possibilidade de realizar intervenções em situações de crise; têm dificuldade para se lembrar de decisões tomadas anteriormente.
- SJs são organizados, cumpridores de prazos, querem mais fatos e menos teorias. Ao discutirem e analisarem questões esperam que se chegue rápido à decisão para que outro item da pauta possa ser considerado. “Podem ser inclinados a decidir questões muito rapidamente e, por vezes, podem não perceber coisas novas que precisam ser feitas” (KEIRSEY, 1998_b, p.18, tradução nossa). “Eles sempre olham antes de saltar e decidem o que fazer com base no senso comum” (KEIRSEY, 1998_b, p.20, tradução nossa).

- NFs são intuitivos e menos conduzidos pela lógica. “Idealistas são líderes naturalmente participativos e democráticos, preferindo um clima onde encontros não são estruturados e cada um tem um voto” (KEIRSEY, 1998_b, p.21, tradução nossa). Convém acrescentar ainda:

Às vezes podem sentir necessidade de tomar decisões administrativas com base nos gostos e desgostos pessoais, em vez de com base no que seria melhor para a organização. Podem se sentir divididos entre as necessidades de seus subordinados e as exigências dos seus superiores, uma vez que são tão sensíveis para ajudar tanto aqueles que estão abaixo deles como agradecer aqueles que estão acima deles. Podem ser vistos como os defensores de dois grupos opostos por ouvir ambos os lados com simpatia e demonstrar entendimento (KEIRSEY, 1998_a, p.318, tradução nossa)

- NTs estudam cuidadosamente as relações entre meios e fins; são abertos a novas possibilidades e por focalizar o macro cenário e as estratégias de longo prazo, podem não perceber os sentimentos dos outros. No ambiente doméstico costumam tomar a dianteira nas decisões.

Destaque-se, porém, que maior ou menor intensidade nos aspectos descritos pode ser percebida em função das outras duas características que compõem cada um dos dezesseis temperamentos.

Com base no exposto, é possível considerar que gestores SP são propensos à tomada de decisão com base na intuição, enquanto NF mostram-se com tendência à utilização de participantes, sem, no entanto, recorrer a um processo estruturado, como o Delphi, conforme apresentado por Winkler (1971) e Wright e Giovinazzo (2000); a votação ou o método da reavaliação do grupo, estudado por Gustafson (1973) parecem ser os formatos que mais se coadunam com suas preferências.

SJs, por seu turno, sinalizam para o emprego de processos estruturados, como o racional ou Delphi, que agregam participantes, tendo-se em vista o fato de lastrearem suas decisões em consensos, além da organização e cuidado com que revestem suas ações. E por fim, os NTs parecem ser pouco receptivos ao acolhimento de participantes na tomada de decisões, tendo-se em vista sua aguçada capacidade de visão e análise, além da característica de pouco ouvir ou mesmo considerar o outro.

5. Considerações Finais

Embora a participação na tomada de decisões no âmbito da gestão apareça na literatura pesquisada como algo motivador para professores e outros *stakeholders* da escola, foi possível verificar que o temperamento do diretor pode se constituir em fator que inibe ou estimula esse envolvimento. A análise dos tipos Artesão (SP) e Racional (NT) revelou que estes são os menos sensíveis ao compartilhamento de decisões, enquanto o Idealista (NF) e Guardiã (SJ) são os mais propensos a utilizá-lo.

Futuros estudos, que investiguem processos decisórios conduzidos em escolas dirigidas por gestores com diferentes perfis de temperamento poderão contribuir para agregar conhecimentos a essa área de pesquisa, além de ensejar reflexões e ações quanto ao preparo do diretor para o compartilhamento da atividade de tomar decisões.

Referências

ANGELONI, M.A. Elementos intervenientes na tomada de decisão. **Ciência da Informação**. V.32, n.1, p.17-22, jan-abr 2003.

BRAGA, N. O processo decisório em organizações brasileiras: comportamentos comunicativos. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, n.22, v.4, out/dez 1988, p.34-54.

BRAUERS, J.; WEBER, M. 1988. A new method of scenario analysis for strategic planning. **Journal of forecasting**. vol.7, pp.31-47.

CABRAL, M.S.N.; SOUSA, M.T.C.; NASCIMENTO, A.F. Estilos de liderança no contexto da gestão escolar democrática: algumas apreciações. **Signos**, ano 36, n. 2, 2015, p. 139-149. Disponível em: www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1376/817, Acesso: 30-01-16.

DANE, E.; PRATT, M.G. Exploring intuition and its role in managerial decision making. **Academy of Management Review**, Vol. 32, No. 1, 2007, pp.33–54.

CASTILLO, M.; PETRIE, R.; TORERO, M. On the preferences of principals and agents. **Economic Inquiry**, Vol. 48, No. 2, April 2010, pp.266–273.

CHENG, C.K. The effect of shared decision-making on the improvement in teachers' job development, **New Horizons in Education**, Vol. 56 No. 3, 2008, pp. 31-46.

CHERMACK, T. J. Mental models in decision making and implications for human resource development. **Advances in Developing Human Resources**, v. 1, 2003.

CRANSTON, N.C. Collaborative decision-making and school-based management: challenges, rhetoric and reality. **The journal of educational enquiry**, v.2, n.2, 2001.

GOULART JR., E.; LIPP, M.E.N. *Estilo de liderança e stress: uma pesquisa em escolas estaduais de ensino fundamental*, **RBPAAE – Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.27, n.2, p. 265-283, maio/ago. 2011.

GUSTAFSON, D.H. et al. *A comparative study of differences in subjective likelihood estimates made by individuals, interacting groups, Delphi groups, and nominal groups*. **Organizational Behavior and Human Performance**, 9, 1973, pp.280-291.

HAMMOND, J.S.; KEENEY, R.L.; RAIFFA, H. **Decisões inteligentes**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, 206 p.

IMBER, M. ; DUKE, D.L. Teacher participation in school decision making: a framework for research, **Journal of Educational Administration**, Vol. 22, 1, 1984, pp. 24 – 34.

KEIRSEY, D.; BATES, M, **Please understand me: character & temperament types**. California: Prometheus Nemesis Book, 1984.

_____ **Please understand me II: temperament, character, intelligence.** California: Prometheus Nemesis Book, 1998_a.

_____ **Leadership, temperament, and talent.** Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1998_b.

KNIGHT, F. H. **Risk, uncertainty and profit.** Washington, DC: Beard Books, 1921.

LIMA, I. Prática Docente: conhecimentos que influenciam as decisões didáticas tomadas por professores. In DIAS, A. A.; MACHADO, C. J. S.; NUNES, M. L. S. (Orgs.). **Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. Vol. 1, p. 51-67.

LAUAND, J. S. **Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação.** Um estudo da sitcom “Everybody loves Raymond”. São Paulo: Factash, 2014.

LOMBARDI, M.F.S.; BRITO, E.P.Z. Incerteza Subjetiva no Processo de Decisão Estratégica: uma Proposta de Mensuração. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 6, art. 1, Nov./Dez. 2010, p. 990-1010

LUNENBURG, F. The decision making process. **National Forum of Educational Administration and Supervision Journal.** v.27, n. 4, 2010.

MAGER, U.; NOWAK, P. Effects of student participation in decision making at school. A systematic review and synthesis of empirical research. **Educational Research Review.** v.7, 2012, pp. 38-61.

MATURO, A.; VENTRE, A.G.S. Aggregation and consensus in multiobjective and multiperson decision making. **International Journal of Uncertainty, Fuzziness and Knowledge-Based Systems.** Vol. 17, No. 4, 2009, pp. 491–499.

MOKOENA, S. Participative Decision-making: Perceptions of School Stakeholders in South Africa. **Journal of Social Science,** v.29, n.2, 2011, pp.119-131.

NCES --NATIONAL CENTER FOR EDUCATION STATISTICS. Who influences decision making about school curriculum: what do principal say? Issue brief, July, 1995.

RICE, E.M.; SCHNEIDER, G.T. A Decade of Teacher Empowerment: An Empirical Analysis of Teacher Involvement in Decision Making, 1980-1991. **Journal of Educational Administration,** Vol. 32 No. 1, 1994, pp. 43-58.

PASHIARDIS, P. Teacher participation in decision making. **International Journal of Educational Management,** Vol. 8 No. 5, 1994, pp. 14-17.

PAULA, R.P. SCHNECKENBERG, Marisa. Gestão Escolar Democrática: Desafio para o gestor do século XXI. **Revista Eletrônica Lato Senso** – Ano 3, nº 1, março, 2008. Disponível em: <<http://www.horacio.pro.br>>

SARAFIDOU, J-O.; CHATZIIOANNIDIS, G. **Teacher participation indecision making and its impact on school and teachers.** International Journal of Educational Management, Vol. 27 No. 2, 2013, pp. 170-183.

VIANNA, N. W. H. A tomada de decisões estratégicas na escola: uma análise à luz dos perfis de Keirse. **Notandum** (USP). , v.40, p.81 - 88, 2016.

VOLKEMA, R.J.; GORMAN, R.H. The influence of cognitive-based group composition on decision-making process and outcome. **Journal of Management Studies**, v. 35, n.1, January, 1998.

WINKLER, R.L. Probabilistic prediction: some experimental results. **American Statistic Association Journal**, 66(336), dec1971.

WOOD, D. A.; PICKERD, J. Problems to Avoid When Brainstorming Fraud Risks, **The CPA Journal**, april, 2011.

WRIGHT, J. T.C.; GIOVINAZZO, R. A. Delphi – uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo”. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, v. 01, n°12, 2° trim, 2000. Available at: www.cgee.org.br/atividades/redirKori/861. Accessed: 18 mar 2008.

Tipos de Keirsey - identificando algumas características IV¹⁸

Jean Lauand¹⁹

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. Temperament types.

1. Algumas características dos NT no site de Keirsey

Nos três artigos anteriores desta série, discutimos algumas características dos tipos SP, SJ e NF. Este é dedicado ao 4º. tipo, os NT a quem David Keirsey (abreviaremos por DK) chama de *Rationals* e que constituem cerca de 5 a 10% da população em geral.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de DK indica:

Tendem a ser: pragmáticos, céticos, auto-suficientes, focados em solução de problemas e análise de sistemas.

Prezam em si mesmos: serem engenhosos, independentes e com força de vontade.

Eles dão: *reasonable* cônjuges, *individualizing* pais e líderes estratégicos.

Eles são: equilibrados, confiam na lógica, anseiam por realizações, buscam o conhecimento, prezam a tecnologia, e sonham em compreender como o mundo funciona.

(<https://keirsey.com/temperament/idealist-overview/>)

E resume :

Os NT são o temperamento voltado para a solução de problemas, especialmente se o problema tiver relação com os muitos sistemas complexos que compõem o mundo que nos rodeia. Os NT podem resolver problemas em sistemas orgânicos como plantas e animais, ou em sistemas mecânicos como ferrovias ou computadores, ou em sistemas sociais como famílias, empresas ou governos. Qualquer sistema desperta a curiosidade deles. Os NT vão analisar o sistema para entender como funciona e atinar em como fazê-lo funcionar melhor.

(<https://keirsey.com/temperament/rational-overview/>)

O site de DK oferece ainda uma síntese dos 4 “subtipos” NT:

¹⁸. As partes I, II e III encontram-se respectivamente em www.hottopos.com/isle33/index.htm, www.hottopos.com/rih44/index.htm e www.hottopos.com/rih46/index.htm

¹⁹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

ENTJ (*Fieldmarshals*) geralmente ascendem a posições de responsabilidade e sentem-se bem como executivos. São incansáveis em seu devotamento ao trabalho e podem facilmente sacrificar outras áreas da vida pelo trabalho. Grandes administradores em qualquer campo – medicina, direito, negócios, educação, governo e militar. Organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando o futuro e tendo sempre em mente os objetivos de curto, médio e longo prazo.

Exemplos: Margaret Thatcher, Golda Meir e Douglas MacArthur.

INTJ (*Masterminds*) Sobressaem sobre todos os demais em planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e etapas, uma após outra em necessária progressão e os INTJ têm a capacidade natural para captar como um passo leva a outro e para preparar alternativas para eventuais dificuldades que possam surgir em qualquer ponto do caminho. Antecipando qualquer contingência nunca embarcam em um projeto sem um plano A firmemente estabelecido na mente, mas sempre estão preparados para derivar para um plano B, C ou D, se necessário.

Exemplos: Hillary Clinton, Bill Gates, Dwight D. Eisenhower, Alan Greenspan.

ENTP (*Inventors*) Desde crianças já construindo engenhocas e mecanismos e não param mais, embora quando adultos dirijam sua inventividade para muitos tipos de organização: sociais ou mecânicas, Não há muitos ENTP, digamos, 2% da população, mas causam muito impacto em nossas vidas cotidianas. Com seu espírito inovador e empreendedor na busca de fazer as coisas de modo melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos e processos.

Exemplos: Ma. Montessori, Steve Jobs, Thomas Edison e Walt Disney.

INTP (*Architects*) não devem ser pensados só como interessados em elaborar projetos para edifícios, estradas ou pontes. São os grandes projetistas de todo tipo de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias de empresas e novas tecnologias. Para os INTP o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é pouco mais do que matéria prima para ser organizada em modelos estruturais.

Exemplos: Albert Einstein, Karl Marx e Charles Darwin.

2. Algumas características dos NT segundo DK

Para caracterizar melhor o(s) tipo(s) NT limitar-nos-emos a recolher resumidamente a apresentação teórica original do próprio DK (Keirse 1984, p. 47 e ss.), intercalando-a com observações de nossa autoria.

É o tipo menos frequente: enquanto os SJ perfazem 45% da sociedade; os SP 30%; NF 15%; os NT são apenas 10%. Assim, geralmente, numa classe de 40 alunos, teremos cerca de 4 NTs, dos quais só um será I. Encontram-se assim rodeados por um ambiente social que lhes é estranho: enquanto os SJ e SP encontram-se rodeados de seus semelhantes.

O poder fascina os NT: não o poder de controlar as pessoas, mas a natureza: poder entender, controlar, prever e explicar as realidades. Em uma palavra, ciência: quem raspa um NT, acha um cientista. Essas formas de poder, no entanto, são

simplesmente meios para o fim buscado pelo NT: **competência** (capacidades, habilidades, destreza e engenhosidade).

Quando cruzamos no Google (agosto de 2018) o nome do NT cabal (I/ENTJ), então candidato à presidência da República, Henrique Meirelles, com “competência” ou “competente” (o mantra dos NT) resultam nada menos de 100000 ocorrências de sites!!



Decididamente os sentimentos e as emoções (F) não são o terreno dos NT. Sua atitude nesse campo é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T, ENTJ.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”

Por isso, a candidatura de um NT no Brasil é problemática porque os NTs parecem frios demais para um país exponencialmente emocional e brincalhão (ESFP) como o Brasil. Nem bem Meirelles lançou-se candidato, os marqueteiros apressaram-se em lançar mão do velho truque: tentar vender um Meirelles pelo menos com alguma humanidade (pedir fofura, amor e ternurinha seria forçar demais o ENTJ), associando-o a pets:



Meirelles e sua cadela Trica

Ou quando outro ENTJ, João Dória, em campanha para a prefeitura de São Paulo, tentou mostrar sensibilidade e empatia com o povão e mostrar que “ele é gente como a gente”, comendo lanche de boteco, tudo que conseguiu foi viralizar na Internet:



Outro NT, o apresentador de TV Roberto Justus, que por deficiência no lado F, foi tachado de robô (entre outras críticas a disfunções do NT por parte dos desafetos: gelado, arrogante, cruel...) na mídia e nas redes sociais e saiu-se com esta: “Não sou um robô. Meu estilo é esse. Eu sou assim na vida real” (Cf <https://tvefamosos.uol.com.br/a-fazenda/a-fazenda-9/critica/mauricio-stycer/2017/12/01/justus-nega-ter-jeito-de-um-robzinho-na-fazenda-meu-estilo-e-esse.htm>)



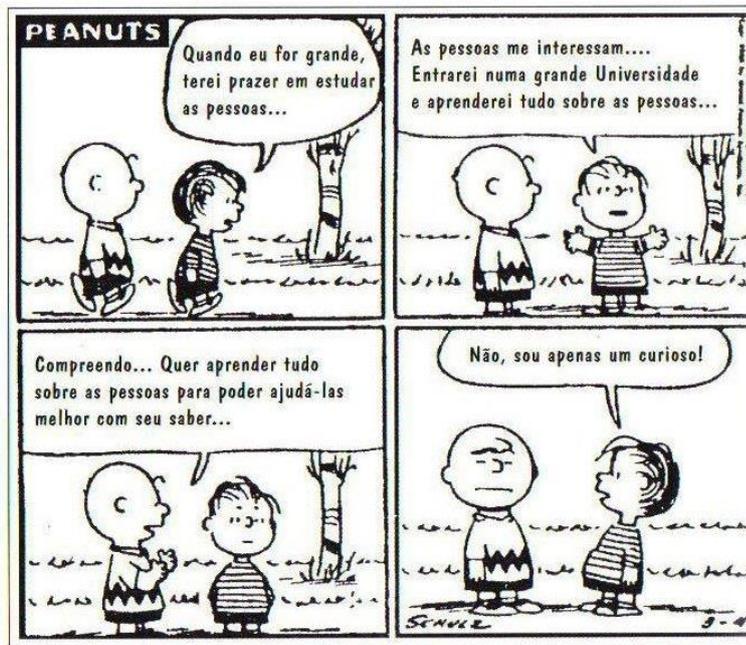
Não se pense que o NT é necessariamente um ser maquinal e frio, alheio às necessidades dos outros. Um de meus antigos alunos, extremado INTP, profundamente cristão, via como sua missão para com o próximo ajudá-lo a desenvolver a racionalidade na fé e na vida e, assim, ter uma existência melhor. Ele morava, na época, em um cortiço pobre em São Paulo. Contou-me que uma das vizinhas de quarto, descobriu o dia de seu aniversário e veio com a filhinha de 5 anos trazendo de presente um docinho barato, genérico do velho Dan Top. Ele, que conhecia muito de

Química, agachou-se e começou a dar uma espécie de aula de divulgação científica para a atônita menininha sobre gorduras trans, hidrogenadas, aterôgenicas; edulcorantes etc. e, gentilmente, devolveu o docinho, indicando à garotinha e a mãe que o melhor era que se desfizessem dele. Contou-me o fato perplexo, pois não entendia que a menina tinha chorado e a mãe, desapontada, virou as costas e levou a filha embora. Encara, com ardor de missionário, projetar a arquitetura de um currículo de pensamento cristão, uma edificação intelectual sistemática, na qual cada peça ocupa seu lugar dentro de uma construção maior e foi pensado em função do lugar que deve ocupar no todo. Obviamente, de pouco apelo para outros tipos, como os NF ou para um franciscano ISFP etc. Claro que seu modelo intelectual é outro “arquiteto”, o INTP S. Tomás de Aquino, que logo no começo da *Suma Teológica*, equipara o trabalho do sábio ao do arquiteto, ou como se diz do INTP no site de DK: “captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus *designs* sejam elegantes, eficientes e coerentes”.

Racionais por excelência, os NTs desde muito jovens têm, como diz DK “uma rebeldia em aceitar autoridades. O fato de que alguém diga algo – por muitos títulos, reputação ou credenciais que tenha –, deixa o NT indiferente: o que se diz deve estabelecer-se por seus próprios méritos, passar pelo crivo da coerência, verificação e pragmatismo. ‘Entendo que foi Einstein quem disse, mas mesmo os melhores podem estar equivocados’ [...]. Essa resistência a admitir a autoridade dos outros, especialmente nos NT acentuados, tende a formar um NT cuja atitude parece individualista e até arrogante”. Uma das mais conhecidas sentenças do NT Einstein (INTP) é aquela em que diz: “Para punir-me pelo meu desprezo pela autoridade, o destino fez de mim mesmo uma autoridade...”

Desde pequeno, o NT já pode mostrar uma tendência para a lógica, como aquele priminho diante da avó, que dividiu uma fatia de bolo para dois netinhos. Um deles reclamou: “- Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT) reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a parte dele é maior, mas metades são sempre iguais”. O embate com os NFs é provável: o NF voltado para a sensibilidade, a emotividade, o humano, esbarrará na frieza “científica” do NT.





Claro que um aluninho NT vai ter dificuldades em uma escola na qual o ensino se apoia na autoridade: “É assim porque a professora falou. E pronto!” E certamente só vão se sentir mais à vontade na medida em que o ensino progride, ao longo dos anos – até o ensino superior – para mostrar as razões e conexões lógicas e científicas das informações.

Desde pequenos, muitos NT já mostram preferências por jogos de raciocínio: são eles os nerds da lógica, divertindo-se com paradoxos que não despertam interesse em outros tipos (que, por vezes, sequer têm paciência para entendê-los):



Dotados de vívida imaginação (N), voltada para a ciência e a engenharia, também a engenharia social (T), genuinamente nerds são aqueles filmes de ficção científica (em italiano *fantascienza*), que os NT podem curtir, como: “O caçador de andróides”, “Jornada nas estrelas”, “Matrix”, ou mesmo a fábula do “Senhor dos anéis”; nerds de raiz e não meras brincadeiras de cosplay.

São NT as crianças que se recusam a jogar jogo da velha, porque se dedicaram a analisar e decifrar a estrutura dessa brincadeira e rapidamente chegaram à conclusão de que, do ponto de vista lógico, não se trata propriamente de um jogo: existe, em cada caso, um critério simples (para eles) para determinar o lance que não leva à derrota e o (pseudo) jogo sempre terminará empatado. Em vão tentam explicar isso aos coleguinhas, que vão continuar “jogando” o jogo da velha pela vida afora...

No jogo da velha, quem joga racionalmente, nunca perde. Para os interessados nessas razões e no algoritmo do empate/vitória, recomendo o artigo de David Pleacher: “The mathematics of playing Tic Tac Toe” (<http://www.pleacher.com/mp/puzzles/mgames/tictac.pdf>)



https://www.youtube.com/watch?v=hhLYjZb_EI

3. O NT em sociedade

Cada tipo tem o elogio (e a crítica) que o atinge em cheio: se você disser a um SP que ele é irresponsável, ele não se ofenderá (e talvez até considere isso um elogio...), mas se você disser a um SJ que ele é irresponsável, aí as coisas se complicam: o dever e a responsabilidade são tudo para um SJ. Assim, o sempre sereno e comedido Professor Girassol, de Tintin, só se irrita e fica transtornado (em cena longa de *Objectif Lune*) quando o capitão o chama de incompetente (e ainda na forma pejorativa “*zouave*”):



DK faz um interessante paralelo entre o SP e o NT. O *must* para o NT é ser competente; para o SP, a ação. Mas enquanto o SP vê a habilidade como um meio para o agir; o NT vê o agir como meio para adquirir habilidades. Em um quadrinho genial, Tio Patinhas confidencia aos antepassados que ganhar dinheiro não é para ele o mais importante, mas sim um meio de afirmar sua inteligência, vencendo desafios para esse saber que é poder:



Os NT confidenciam (aos amigos íntimos) que se sentem perseguidos por uma sensação de estar à beira do fracasso: essa insegurança proveniente do perfeccionismo (a perfeição inalcançável...) tem obstruído a progressão na carreira de muitos colegas NT, que embora sejam eruditos notáveis e pesquisadores exemplares, ficam longos anos como doutores, não se “atrevendo” a fazer concursos para Livre-Docência e Titular, para os quais estão, de há muito, mais do que habilitados. Esse absurdo grau de exigência pode, em alguns casos, ser transferido para os orientandos, com graves consequências acadêmicas e... psicológicas.

O NT quando joga desperta tristeza e até compaixão comparado com o relaxamento e a diversão de um SP. Como a recreação é necessária para a saúde, ele estabelecerá horários para essa atividade. E em jogos de baralho ou jogos de tabuleiro ou salão, tratará de aperfeiçoar sua “competência recreativa”: quando joga cartas não se permitirá nenhum erro; no bridge, os outros podem errar, mas ele evitará cuidadosamente qualquer lapso lógico ou falhas de estratégia. No tênis, cada set deve ser ocasião de aperfeiçoar certos movimentos e eliminar erros anteriores.

O NT pode enviar duas mensagens contraditórias àqueles que os rodeiam. Uma é a de que não espera muito dos outros que, afinal, não sabem muito e não podem fazer as coisas bem feitas. Uma maneira de enviar essa mensagem é expressar uma engenhosa surpresa quando se deparam com habilidade ou competência nos outros (afinal, não era de esperar que estivessem à altura de sua compreensão NT do assunto; os outros 3 tipos assumem que os outros podem, em boa medida, entender o que comunicam). Em Espanha, a fórmula jocosa para isto é: “*Parecía tonto cuando lo compramos...*”

A segunda mensagem é a de que espera que tentem atingir o mesmo grau de exatidão que ele exige de si mesmo. E como ninguém (nem o próprio NT...) pode viver nessas alturas, o NT aparece como (e é) extremamente exigente.

O resultado desagradável dessas duas mensagens é de que os que rodeiam o NT podem chegar a sentir-se intelectualmente inadequados. E com o tempo instalam-se em uma atitude defensiva, se afastam e hesitam em comunicar suas ideias (o que é

trágico no caso já citado da relação orientador-orientado). E não raramente o NT pode acabar isolado, porque os demais se afastam pelo medo de ser rotulados como burros. E isso para o NT é uma confirmação a mais da incompetência dos outros...

Em sua comunicação, o NT evita redundâncias (exaspera-se, por exemplo, com as repetições de um Sílvio Santos para seu “auditório de imbecis...”) e seu discurso costuma ser seco, compacto e lógico (imaginando falsamente que todos já sabem aquilo que é óbvio...) e exige dos demais também uma linguagem precisa.

4. Piadas sobre o NT

Tal como fizemos para outros tipos, aqui vão algumas piadas, recolhidas na NET (e de difícil identificação de autoria), traduzidas e selecionadas livremente:

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

INTP – Dois. Mas só decidirão depois de longo debate para provar que a lâmpada não existe realmente nesta dimensão etc. Na prática, não ocorrerá a troca da lâmpada.

ENTJ – Fará a busca na Internet sobre o melhor custo benefício para a lâmpada e mandará o ESTJ comprar.

INTJ – Vai investigar exaustivamente a melhor opção de lâmpada e pesquisar a fundo todos os diversos tipos, criando uma planilha da eficiência de cada uma e considerando o upgrade para um diferente tipo.. e finalmente escolhe a ótima para seu caso. Mas como na loja não tem, ele compra uma que atenda às necessidades básicas e resolve não perder tanto tempo da próxima vez.

ENTP – Três. Mas eles antes vão construir uma lâmpada melhor. Com laser.

Por que a galinha atravessou a rua?

ENTJ – Porque eu mandei!

ENTP – Imaginemos galinhas continuamente atravessando a rua. Dá para usar isso como uma fonte de energia renovável.

INTJ – Galinhas são burras.

INTP – Ah é? Eu nem vi, acho que estava distraído com alguma outra coisa...

Orações dos tipos

INTJ – Senhor, torne-me aberto para as ideias dos outros, por mais IDIOTAS que elas sejam.

ENTJ – Senhor, ajuda-me a diminuir o ritmo de trabalho e nãoatropelartudonaminhavidaaamém

INTP – Senhor, ajuda-me a ser menos independente, mas a meu modo.

ENTP – Senhor, ajuda-me a seguir no dia de hoje os padrões estabelecidos. Ou melhor, por uns poucos minutos.

A teoria dos temperamentos de David e a Ética

João Sérgio Lauand²⁰

Logo no início do seu livro *Please Understand Me II* (Keirsey, 1998), do qual procedem todas as citações deste capítulo, David Keirsey (DK) expõe as convicções que o levaram a escrever. Somos diferentes uns dos outros e isso não é mau.

Não é fácil aceitar essa ideia. Na teoria parece simples, mas a prática é bem diferente. Temos a tendência a ver-nos cheios de compreensão para com o comportamento alheio e as diferenças de temperamentos que vamos encontrando, mas uma análise um pouco mais aprofundada mostra que não é bem assim.

As diferenças provocam em nós uma reação muito humana, que nos leva a pensar que elas são ruins e que, se o outro se comporta de forma diferente e não esperada, não é devido à expressão natural da legítima diversidade humana, mas resultado de falhas, males e, no limite, reflexo de doença, estupidez, maldade ou loucura. É claro que o padrão de normalidade e sensatez somos nós, e o ideal é que todos sejam iguais a nós. Keirsey cita o desespero de Henry Higgins, em *My Fair Lady*, com a dificuldade de moldar Eliza Doolittle, quando se pergunta: “Por que ela não pode simplesmente ser... como eu?”.

O autor é cético quanto à possibilidade de mudança de comportamento por pressão externa. As diferenças são consideradas más e essa convicção leva à tentativa de mudança do outro pela persuasão, castigo, força ou qualquer meio semelhante. O que vai gerar grandes desajustes nas pessoas e na sociedade.

“A essência desta edição atualizada e aumentada é que as pessoas diferem umas das outras e que não importa quanto insistamos, nada as mudará. E tampouco há razão para mudá-las, pois o mais provável é que as diferenças sejam boas” (p.18).

DK parte, portanto, da hipótese de que as diferenças de temperamento não são ruins. Não há nenhum problema em temperamento algum. Então quando começa o problema? O que faz que um ato nosso seja considerado mal pela Ética? Isto é o que vamos abordar neste texto, uma análise da relação das teorias de DK com a Ética.

Os tipos psicológicos de David Keirsey

Em meados do século passado, era muito conhecida a obra de Isabel Myers. DK nos fala da alegria de encontrar esse trabalho. Ele próprio é um INTP, um tipo raro, algo como 1% da população (p.255), e ficou maravilhado quando finalmente

²⁰. Doutor em Educação pela FEUSP.

percebeu que não era o único da sua espécie no mundo (p.31). Sentia-se muito diferente de todos os que conhecia e agora entendia porque.

Myers utilizou conceitos de Jung, e os agregou em pares, S-N, J-P, T-F e E-I e os misturou obtendo 16 possibilidades. Keirsey contribuiu à teoria encontrando a melhor forma de olhá-los. Se a pessoa tiver a característica S (realista) deve se agrupar com J (organizada) ou P (perceptiva), obtendo as SJ e as SP. Já se for N (imaginativa) se agrupará com os T (reflexivas) ou os F (sentimentais), resultando nos NT e nos NF. Basta agora juntar a cada um dos quatro grandes grupos as duas letras faltantes e teremos os 16 tipos de Myers e Keirsey.

Qual a melhor forma de saber a que tipo pertencemos? DK diz que “é evidente que a melhor maneira é observar-se, em diferentes espaços e com diferentes companhias. Nada pode substituir uma observação cuidadosa e informada” (p.21). Mas como nem sempre é fácil fazer isso, ele sugere também um questionário. Ao apresentá-lo diz que não há respostas certas e erradas, já que mais ou menos metade da população coincide com qualquer resposta escolhida.

Conto aqui cinco experiências que tive com a aplicação desses questionários a diversos grupos, introduzindo pessoas nestas teorias.

A primeira é insistir em que estamos tratando de temperamento, o primeiro nível da nossa personalidade. Agora não é o momento de aprofundar nesse aspecto, mas podemos afirmar que o temperamento é uma configuração de inclinações, o caráter uma configuração de hábitos e juntos formam a personalidade. Na prática, eu insistia com as pessoas para tentarem, procurando por seu temperamento, buscar o que há de mais profundo nelas, de mais instintivo e natural, não o que foi trabalhado pelos hábitos, experiências e aprendizados. Podemos dizer que no nível dos temperamentos há apenas inclinações, e não ações. E não havendo ações, não pode haver nem julgamentos, nem valores, nem ética.

A segunda é convencê-las de que não há respostas certas e erradas. Há uma tendência natural em nós de acertar, de agradar. O que DK quer mostrar é que não há certo e errado nos temperamentos. Nós simplesmente somos, não somos certo ou errado nesse nível. Ainda não estamos aí no nível ético, que só será analisado depois. Este é o ponto mais importante para nós agora.

A experiência seguinte me surpreendeu muito. Ao propor às pessoas as alternativas de respostas mais de uma vez me encontrei pensando: “que questão estranha, ninguém vai escolher o item b), todos vão responder a)”. A grande surpresa é que havia muitos b), por vezes mais que os a). Foi uma prova pessoal fortíssima de como estamos condicionados a pensar que todos são como nós. Aproveite para sair um pouco do assunto e relatar outra ocasião em que minhas impressões me enganaram muito. Quando jovem muitos amigos me diziam que me achavam bem parecido com meu irmão. Eu sempre dizia que não concordava. Mudei de opinião uma vez que caminhando pela rua vi meu irmão vir em minha direção. Quando estávamos mais próximos percebi que tinha me enganado: o que eu estava vendo era minha própria imagem em um espelho que uma loja pusera na calçada!

Uma quarta é a alegria sentida pela maioria das pessoas submetidas aos testes, quando ouvem a descrição do tipo que identificaram para si. Quase todos se veem retratados nesses textos, o que representa a grande força da teoria de DK, agrupar as pessoas em um conjunto em que se identificam.

E, por fim, que decidimos deixar de usar os questionários e tentar chegar aos resultados por outros meios (observação, perguntas básicas). A dificuldade de formular perguntas certas e as duas primeiras questões acima contribuíram para isso.

E assim chegamos ao nosso tipo, quatro letras que nos colocam em um grupo em que há pessoas que se comportam de forma muito parecida com a nossa. Keirse é INTP, Hebe Camargo era ESFP, a Rainha Elizabeth II é ISTJ e Gandhi um INFJ. Cada um de nós pode descobrir o grupo com o qual mais se assemelha. Quais estão certos e quais errados? Qual o melhor tipo? Como estamos insistindo não há tipos ou grupos melhores ou piores, somente diferentes. Não há certos ou errados. Neste nível definimos realismo ou imaginação, apego à lei ou ao sentimento, possibilidades fechadas ou abertas e maior ou menor abertura para a convivência. São todas possibilidades legítimas e devem ser respeitadas. *Please understand me!!* Por favor, compreenda-me!!

A Ética e a moralidade das ações

A disciplina que acrescenta as características de bom ou mal, certo ou errado, aos nossos atos é a Ética. É quando as ações humanas adquirem valor, podem ser apreciadas ou rejeitadas.

Como todos os estudos relativos ao comportamento humano sua amplitude é imensa. Há inúmeras possibilidades de estudo, muitos temas e abordagens. Não há uma unanimidade em relação aos fundamentos para construir a teoria da Ética. Diante disso, vamos nos limitar aqui a alguns aspectos só para reforçar nossa tese, de que os temperamentos não têm ainda uma valoração ética.

Para avaliar se uma atitude é boa ou má precisamos de um critério, o mais objetivo e universal possível. Qual será? Temos fundamentos religiosos, profissionais, esportivos e de diversos grupos. Os critérios religiosos muitas vezes estão fundamentados em algum livro sagrado, como a Bíblia ou o Corão. Os diferentes grupos e profissões, como os médicos ou futebolistas têm os seus códigos. Os médicos devem ser honestos, honrar seus juramentos. Os futebolistas e esportistas em geral não podem se servir dos dopings, devem respeitar os adversários. Os avanços das Ciências e Tecnologias trazem grandes desafios para os médicos e outros profissionais, como por ex. até que ponto levar a manutenção da vida, quando suas condições já se deterioraram muito, os limites nas experiências de clonagem, a escolha sobre quem atender com recursos limitados numa epidemia.

Há alguns princípios gerais aceitos por muitos, mas parece que nunca se chegará a uma unanimidade. Quanto mais gerais são os princípios mais gente os aceita. Quanto mais se aprofunda há menos aceitação. Para entender isso basta pensar que os terroristas que matam grande quantidade de pessoas se consideram heróis e assim são vistos pelos seus companheiros. Os que agredem suas companheiras muitas vezes justificam esses atos como manifestação de amor.

Os princípios gerais da Ética

Há um princípio conhecido com regra de ouro: faça ao outro o que gostaria que fizessem com você e seu contrário: não faça ao outro o que não gostaria que fizessem com você.

Parece óbvio, mas não é tanto assim. Sempre me surpreenderam muito os resultados de uma pesquisa com duas perguntas: você é violento no trânsito? e você já sofreu violência no trânsito? Somente 5% declararam ter cometido violências contra 95% que não o fizeram. Na segunda resposta foi o inverso, somente 5% nunca sofreram contra 95% que foram alvo de comportamento violento. A conclusão é que há 5% rodando muito com grande agressividade ou não nos conhecemos.

Todos os tipos de racismo, preconceitos, teorias de superioridade e supremacia são revoltantes porque vão contra o princípio mais básico da moralidade.

Uma ideia bastante geral e aceita como fundamento da ética é o princípio cristão de amar ao próximo como a si mesmo.

O grande teólogo cristão Tomás de Aquino dizia que as ações podem ser boas, más ou indiferentes e definia critérios para se chegar a esses conceitos. As indiferentes são basicamente as gerais, sem uma definição concreta, como andar ou falar, por exemplo. A princípio são indiferentes, serão boas ou más quando se tornarem específicas, andar para onde, falar o quê?. É outro motivo para considerar os temperamentos anteriores à Ética. Quando lemos os comportamentos dos 16 tipos, eles são gerais, sem uma especificidade que faria adquirirem uma valoração moral.

A virtude está no meio

Um dos primeiros pensadores a se debruçarem sobre a Ética foi o grande Aristóteles. É sua uma formulação excelente: a virtude está no meio, o famoso jargão latino *in médio virtus*. Esse é um dos motivos pelos quais não é tão fácil ser virtuoso, é preciso acertar a dosagem. Já se disse muitas vezes que a diferença entre um remédio e um veneno pode ser a dose, a medida. O excesso ou falta de determinadas atitudes, que podem ser até virtuosas em outro nível, serão defeitos. As super mães, super protetoras, que podem causar grandes danos a seus filhos, pensam que lhes estão dando carinho. Erram a dose e o que pensam ser carinho já deixou de sê-lo há algum tempo, passando a ser limitação da liberdade, desrespeito a sua autonomia ou algo semelhante. Por outro lado, os pais que acham que não devem orientar os filhos e que estes devem aprender com os próprios erros também estão falhando, no sentido oposto ao anterior, e poderiam poupar-lhes muitos desgostos e sofrimento. Como dissemos, é uma questão de dose.

Um erro comum quando se toma contato com a frase de Aristóteles é pensar que não convém ter muita virtude para não exagerar. Não é bem assim. Não há exagero na virtude quando é virtude. Como dizia outro grande, Agostinho de Hipona, “a medida do amor é amar sem medida”. O exagero a que nos referimos acima é aquele que já deixou de ser virtude para se transformar em outra coisa. No exemplo acima, não há exagero no verdadeiro carinho pelos filhos, há atitudes que de tão exageradas deixaram de ser carinho.

Voltemos aos tipos de Keirse e aos temperamentos. Como o nome diz, temperamento está no mesmo grupo linguístico de tempero, e se acima falamos da dose e medida certa, poderíamos falar também do tempero certo, do temperamento certo. Aliás, essa é a verdadeira ideia de temperamento, temperar adequadamente as diversas características. Sem excesso nem falta. Esse é outro dos motivos pelos quais não há certo ou errado nos temperamentos ideais: ainda não conhecemos sua dosagem, não sabemos se vai haver falta ou excesso de algo importante. Tomemos alguns exemplos, começando por uma característica dos Provedores, um dos SJ:

“Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel.”

À primeira vista parece uma qualidade e algo louvável. Mas sabemos que cuidar de algo pode levar-nos a esperar agradecimentos e a ficar magoados se estes não vierem, pode fazer com que esses responsáveis se sintam os donos e não aceitem sugestões dos que “não se dedicam tanto”.

Agora uma característica dos INTP, os Arquitetos:

“Os INTPs não precisam ser identificados como interessados somente em plantas para prédios, estradas ou pontes. Eles são mestres do design de todos os tipos de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias corporativas e novas tecnologias. Para eles, o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e reprogramado.”

Novamente qualidades apreciáveis. Mas, estarão unidas ao interesse pelos outros, ao respeito ao trabalho dos colegas?

Queremos insistir na mesma ideia, os temperamentos fornecem uma inclinação, que deve ser revestida de realidade. A inclinação é neutra, somente a realidade terá um valor ético.

As Virtudes Cardeais

Desde a Antiguidade os filósofos reconheceram quatro qualidades nos seres humanos a que deram o nome de Virtudes Cardeais. São elas a Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. Cardeais no sentido de fundamentais, das quais todas as outras podem derivar. Assim, a título de exemplo, a ponderação está subordinada à prudência, a equidade à justiça, a coragem e a paciência à fortaleza e a modéstia à temperança.

Costuma-se considerar a prudência como a mais importante delas. É fácil de entender porque. Contrariamente a um certo senso comum, a prudência não é a arte de pensar muito antes de decidir, é antes a arte de bem decidir, no tempo certo. O que pode ser mais importante do que decidir bem? E no tempo adequado. Demorar demais ou retardar as decisões está mais para medo do que para virtude. É adequada a todos os temperamentos. Na dosagem a que nos referimos acima, no tempero, sempre será necessário tomar decisões de quanto de objetividade e de imaginação utilizar, quanto de letra da lei ou de sentimento, de planejamento ou inovação e finalmente de extroversão ou introversão. O conjunto das nossas decisões é inseparável da nossa vida, em todos os seus aspectos.

A justiça também desempenha um papel muito relevante. Um dos aspectos notórios de choque de temperamentos está ligado a esse tema. É o embate entre os que têm prevalência T com os que são F, entre a estrita razão e o sentimento. Pode ser nos casais, entre um dos cônjuges e seus pais ou sogros, no ambiente profissional entre colegas e praticamente em todas as situações da vida. Tomemos o exemplo do casal em que um é T, movido pela lei, pela fria razão, e o outro é F, muito afetado pelo sentimento, pela situação humana. O filho que errou deve ser punido para que aprenda ou ser compreendido? Não há respostas fáceis, é preciso ver as circunstâncias. E aí surgem as acusações, um será chamado de coração de pedra e o outro de molenga, um é o carrasco, o sargentão e o outro o banana, o maria-mole. A situação se repete para o guarda que deve multar, para o professor ao dar as notas ou decidir pela melhor linha pedagógica. Independentemente do temperamento e inclinações de cada um, será

necessário estar muito atentos aos ditames da justiça e às circunstâncias para bem decidir.

Não é à toa que essa área é repleta de ditos. Um adágio diz que “a máxima justiça pode ser a maior injustiça” (summum ius, summa iniuria). Uma justiça cega, que não é dosada e adequada às circunstâncias pode ser uma grande injustiça. Por outro lado, uma justiça excessivamente branda pode ser também muito injusta, levar à impunidade e ao descrédito nas autoridades. Para citar mais um, podemos recordar o famoso “para os meus inimigos a lei”. Se são inimigos não é preciso persegui-los, basta cumprir a lei à risca. Implicitamente se está dizendo que para os amigos a lei não é tão rígida. Como se vê, tanto os que têm a característica T como os F, devem ser muito honestos para, de acordo com seu temperamento, decidir de acordo com a prudência e a justiça.

Outra virtude fundamental é a fortaleza, em seus dois aspectos de ser pacientes nas adversidades e ousados quando é necessário. É uma divisão clássica dizer que o forte deve resistir aos ataques e, por outro lado, ser valente para avançar. E talvez o mais importante, seja resistir, pois não se tem a iniciativa. DK considera os SJ propensos ao estoicismo e os SP à audácia (p. 188). A vida traz dificuldades e desafios para toda pessoa e seja qual for o temperamento de cada um, a virtude da fortaleza é necessária para todos.

Por fim a temperança, que regula nossas relações com os bens e prazeres da vida. A virtude nesse campo consiste em usufruir das coisas boas da vida, sem se deixar dominar por elas. Ter alegria de viver, sem cair nos vícios e dependências. Parece que os SP são os mais propensos ao hedonismo e às alegrias da vida, os NF os mais sujeitos ao entusiasmo, enquanto os SJ se responsabilizam e os NT gozam da tranquilidade da razão.

Propensão a qualidades e defeitos nos diversos tipos

Todos nós somos um misto de qualidades e defeitos. Somos louváveis por nossas virtudes e perigosos por nossas falhas. Esses aspectos estão relacionados com nosso temperamento. Como insistimos, os temperamentos não têm falhas, mas indicam uma inclinação para o bem e para o mal.

Keirse faz uma descrição das características dos seus dezesseis tipos. Como é natural, ele descreve basicamente o lado positivo. Ao ler temos a sensação de que todas as pessoas são maravilhosas. Em parte sim, mas há o outro lado, a propensão às falhas. Não há luz sem sombras e vamos agora assumir o papel de advogados do diabo e analisar, brevemente esse aspecto. Então, para conhecer o lado positivo é só pegar a descrição dos dezesseis tipos que está nos livros e artigos. O outro lado veremos a seguir. É apenas um apanhado, breve, resumido, que serve de introdução ao tema.

Basicamente, cada tipo se ressentido do que sobra no seu oposto. Os tipos S são ótimos por seu realismo, mas pode faltar-lhes a poesia e imaginação dos N. O ator Rutger Hauer conta, em um documentário, como criou sua personagem replicante em Blade Runner, um robô que deveria parecer humano. Perguntou-se o que é essencial no ser humano e foi respondendo: senso de humor, poesia, capacidade de amar... Parece que os N são melhores nisso, mas podem ser acusados de falta de objetividade e realismo.

Já abordamos um pouco a relação entre os T e os F. A razão contra o sentimento, tendo os dois vantagens e desvantagens. A razão dá certeza e objetividade, mas pode ser fria e dura, o sentimento compreende e estimula, mas falha facilmente, pode ser instável e volúvel.

Em outro par, os P são muitas vezes alegres e estimulantes enquanto os J trazem segurança e previsibilidade. Ao contrário, os P podem ser irresponsáveis e insubordinados enquanto os J poderão ser pessoas cinza, sem graça e incapazes de inovações.

No último par temos os I e os E, introvertidos e extrovertidos. À primeira vista estes são mais simpáticos, mas nem sempre queremos muita interação. Jean Lauand escreveu um brilhante artigo sobre a Ditadura da Extroversão, contando como os I sofrem com as regras da sociedade, especialmente em um país E como o nosso. Os introvertidos podem ser bem abnegados, mas também bastante reservados e impenetráveis. Já os E costumam alegrar os ambientes, mas podem ser invasivos e inoportunos.

Fica aqui a ressalva de que tudo o que acabamos de dizer são teorias, que podem ou não se aplicar às pessoas concretas. E também que qualidades e defeitos não são exclusivas de um tipo, que podem ter uma maior inclinação para tê-los, mas não a exclusividade deles.

A Compreensão e a Tolerância

Vamos terminar com umas palavras sobre essas duas características tão importantes para a convivência, as famílias e a sociedade. Muitas são as vozes que se manifestam para afirmar que vivemos uma época de incompreensão e intolerância. É um tema muito atual. Há uma profunda divisão na sociedade gerando divisões nas famílias e grupos, incapacidade de diálogo, rupturas políticas, ondas de desinformação, ataques à democracia.

As teorias de David Keirse são uma contribuição ao esforço de amenizar tudo isso. Escrito há várias décadas, os livros de Keirse obviamente não contemplam esses aspectos, limitando-se às teorias de temperamento. Como já foi dito, DK pensa na incompreensão pela forma de ser do outro e tenta nos estimular a olhar o outro sem reservas e ideias pré-estabelecidas, reconhecendo que ele tem o direito de ser diferente, que não há nada de errado em pensar, sentir, comportar-se ou julgar de forma diferente da nossa, quando isso é legítimo.

Parece-nos que essa é a ideia central: é legítimo ter um temperamento diferente. Se podemos julgar o temperamento do outro errado, porque ele não pode fazer o mesmo comigo e pensar que sou eu o estranho?

É impossível não perceber que a ideia de compreensão está ligada também ao conhecimento. Quando se quer que uma força exerça um domínio exagerado sobre um grupo humano é preciso evitar que interajam e convivam. As forças de repressão não podem conviver com os que vão subjugar. Nos dois sentidos o conhecimento gera compreensão, tanto no conhecimento das pessoas, como no conhecimento do mundo em geral. Nesse sentido, convém muito que as teorias de Keirse sejam divulgadas, e é o que procuramos fazer.

Um último comentário. Entre outras situações, identificamos três em que podemos falar de compreensão e tolerância. Em primeiro lugar, é preciso compreender as legítimas manifestações dos temperamentos. É o que temos repetido desde o início deste texto. Uma segunda situação é a de alguém que comete um erro contra nós, se arrepende e pede desculpas. Em geral, nessas situações todas as Éticas, e especialmente a Ética Cristã nos orientam a perdoar e compreender. Os textos cristãos nesse sentido são abundantes, como o do Pai Nosso e a indicação de perdoar setenta vezes sete. Uma situação mais difícil é aquela em que há uma postura equivocada sem reconhecimento de erro, sem pedido de desculpas e talvez até ampla divulgação de informações errôneas e possivelmente mentirosas. Como compreender nesses casos?

Talvez por essas atitudes, e pela dificuldade de lidar com elas, é que chegamos à situação descrita no primeiro parágrafo deste tópico.

A mensagem de David Keirsey é profundamente otimista. Podemos ser quem quisermos, dar vazão às imensas possibilidades do nosso temperamento, e contribuir com a nossa parcela, talvez muito diferente da de outros, para a grande riqueza da convivência humana,

Referências

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character and Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998.